AJAMARO

TERRITÓRIO ÍNDIO

BUFALO

Frank Darrow tinha de abrir caminho. Não hesitou...

CONTINENTE 8$00 ULTRAMAR 10$00

Efectivamente assim sucedeu e Frank Darrow mal tivera tempo para se agachar atrás de uns penhascos.

Como bólides, doze cavaleiros vermelhos passaram por ele sem notar a sua presença, iludidos pelo ruído dos cascos de «Sugar».

Depois de eles passarem, o rapaz não perdeu tempo. Com um olhar procurou um abrigo.

Cinquenta metros acima descobriu uma furna que ia servir às mil maravilhas para os seus intentos.

Em rápidas passadas correu para o refúgio. Não podia perder tempo, pois quando os índios descobrissem o logro em que haviam caído, dariam início a uma busca rigorosa que forçosamente lhes descobriria o perseguido.

Conseguiu chegar à furna sem ser descoberto.

Era grande e espaçosa e sòmente a sua entrada era apertada e estreita, o que vinha favorecer o rapaz.

Ràpidamente este fez uma curta observação, a fim de se certificar de que não servia de abrigo a alguma fera e, satisfeito com a observação, começou a atulhar a entrada da furna com pedregulhos a fim de formar um parapeito que o protegesse das setas.

Depois de ter conseguido o que pretendia, sorriu satisfeito e calmamente começou a carregar a sua «Winchester de quinze tiros e os revólveres que estavam descarregados devido aos disparos que fizera durante a perseguição.

Terminada a tarefa tomou posição e aguardou que os índios regressassem da sua infrutífera perseguição.

O sol começava a baixar no horizonte e dentro de duas horas seria noite.

Aguardava essa ocasião, para, iludindo a vigilância dos índios, prosseguir na sua cavalgada para Santo

cada vez serão menos e os víveres acabarão. Prevendo que Nuvem Vermelha não desistirá tão cedo dos seus malditos intentos, eu resolvi tentar chegar a Santo António a fim de ir buscar reforços com os quais possamos aniquilar de vez estes fanáticos. Nomeei como meu substituto o jovem Mitchell que está absolutamente dentro do assunto e ao qual deverão obedecer, tal como agora o têm feito comigo. Posso garantir-vos que vos deixo entregues em boas mãos. Algum dos senhores tem qualquer objecção? Ninguém? Muito bem. Largarei a caravana quando a lua baixar e a escuridão for mais profunda. Mitchell, a partir deste momento, o destino desta caravana está nas tuas mãos. Cumpre o teu dever e boa sorte para todos.

Todos aqueles homens olhavam o rapaz com gratidão estampada nos olhos.

Só um espírito superior iria assim arriscar a sua vida para tentar salvar as deles.

Efusivamente aqueles homens abraçaram o valente guia.

Algumas mulheres que estavam presentes não tiveram qualquer pejo em lhe depor na face beijos de agradecimento.

Para todos, Frank Darrow teve uma palavra de consolo e esperança.

Por fim chegou a vez de Mitchell. Um forte e leal abraço uniu os dois amigos.

— Boa sorte, Mitchell e não te esqueças do que te recomendei.

— Melhor sorte para ti, Frank — respondeu o outro comovido. — A tua missão é bem mais espinhosa do que a minha. Está descansado que cumprirei com tudo.

Separaram-se por fim. O rapaz dirigiu-se depois na direcção de Susy e seu pai que o aguardavam a alguns metros de distância.

Nos olhos da rapariga brilhavam lágrimas. Ela, mais que ninguém, sentia a falta do seu bem-amado.

Quem sabe se não seria aquela a última vez que estavam juntos?

Caiu-lhe nos braços, chorando convulsivamente.

Frank acariciou os sedosos cabelos da sua noiva ao mesmo tempo que tentava com carinhosas palavras levantar-lhe o moral.

Robert Robinson, compreendendo que estava ali a mais, retirou-se deixando-os sós.

— Não vás, Frank. Eles matam-te.

— Não sejas tontinha, meu amor. Por favor não chores.

— Frank, se eles te matarem, eu morrerei também. Por favor não vás. Todos juntos havemos de vencer esses malditos peles-vermelhas.

— Tenho de ir, minha vida. Custe o que custar, hei-de chegar são e salvo a Santo António. E com os reforços que trouxer, reduziremos esses selvagens a pó. Se eu não for, morreremos cá todos. Por isso vou tentar a sorte.

A rapariga caiu em si e viu que estava sendo egoísta.

Para que Frank estivesse a seu lado, esquecia-se dos restantes membros da caravana. Então sentiu o mais profundo orgulho por aquele que lhe roubara o coração.

Não podia perdê-lo. Acima da unidade estava a comunidade e ela não passava de uma unidade na comunidade dos colonos.

Respirando fundo, puxou de um lenço e limpou as lágrimas que lhe escorriam pelas faces.

Depois tirou do pescoço um fio de ouro do qual pendia um medalhão em ouro também.

Entregou-o ao rapaz ao mesmo tempo que dizia:

— Deu-mo minha mãe pouco antes de morrer. Que ele te dê tanta sorte quanta precises para levar a bom termo a tua missão. Se regressares são e salvo, tens em mim uma mulher que te adora e te fará feliz para toda a vida. Se morreres, irei ter contigo sem demora.

Comovido, o rapaz respondeu com voz embargada:

— Eu sabia que eras uma digna mulher do Oeste, querida. Todas as mulheres que seguem seus maridos ou parentes para estas paragens devem ser assim fortes e sãs de espírito como tu acabaste de demonstrar. Eu voltarei, Susy, eu voltarei.

Os dois jovens abraçaram-se e os seus lábios procuraram-se com sofreguidão.

Foi um longo beijo de despedida. Ao fim de certo tempo separaram-se e o rapaz pediu que ela lhe arranjasse café e uma manta velha que não tivesse serventia.

Passados momentos, a rapariga voltava com uma manta toda rota e velha que servia para a limpeza do pó no carro.

— Estou a tratar do café e já o trago.

Frank, logo que pegou na manta começou a rasgá-la em grandes bocados com que cobriu os cascos do seu fiel «Sugar», um cavalo puro sangue que seu ex-patrão e actual sócio lhe oferecera.

Depois dos cascos bem tapados, certificou-se de que os bocados de manta não sairiam com facilidade.

Satisfeito verificou que não se ouvia qualquer ruído.

Entretanto Susy chegou com um copo com café. Não estava quente porque fora proibido acenderem qualquer fogo. Apesar disso o café soube bem ao rapaz que o saboreou com deleite.

Olhou para o céu. A lua declinava já e dentro de uma hora o luar seria substituído por uma densa escuridão.

O pai da rapariga aproximou-se do sítio onde os dois jovens se encontravam sentados, calados e com as mãos entrelaçadas.

Ambos observavam o lento movimento da lua. Quando ela desaparecesse, ele partiria, talvez, para a morte.

Robinson quebrou o silêncio:

— Quando contas estar de volta, Frank?

— Dentro se seis dias o mais tardar. Conto demorar três dias para lá e outros tantos para cá. Só não cumprirei este projecto se surgir qualquer contratempo o que espero não suceda.

— Tens esperanças de conseguir alguém para nos socorrer, em Santo António?

— Só no meu rancho, posso contar com cinquenta leais vaqueiros que a uma ordem minha não hesitarão em se lançar nesta aventura. Nos outros ranchos eu poderia recrutar mais duzentos ou trezentos. Posso garantir-lhe que é verdade. Há cerca de seis meses que deixei Santo António, mas sertamente que o modo de pensar dos seus habitantes ainda se não modificou.

— Sendo assim, já fico mais descansado.

— Sob esse ponto de vista não se preocupe, Robinson. O meu maior receio é que os senhores se não aguentem durante estes seis dias. Se o conseguirem,

podem dar como certa a vossa entrada triunfal em Santo António. A menos que... mas isso não há-de acontecer, caramba. Tenho uma pele muito dura de roer.

Levantaram-se os três. A lua já desaparecera e a noite estava escura como breu. Na caravana pairava um silêncio absoluto. Todos os olhares tentavam perfurar a densa escuridão. As sentinelas estavam atentas ao menor ruído, com os dedos nos gatilhos para darem o alarme.

Frank chamou Mitchell e disse-lhe em voz baixa:

— Amanhã, antes de a lua se pôr, manda acender algumas fogueiras, cinquenta jardas fora do círculo dos carros para darem alguma iluminação aos terrenos mais próximos, compreendes? Assim evitarão surpresas. Hoje não mandei acendê-las porque denunciariam a minha fuga. Não te esqueças disto que é muito importante.

Virou-se para o pai da rapariga e ambos se abraçaram longamente. Mitchell também deu um grande abraço ao amigo que partia.

Por fim chegou a vez de Susy. A separação foi penosa. Ambos se abraçaram estreitamente e os seus lábios ficaram esmagados num longo beijo de despedida.

Com voz sumida a rapariga articulou:

— Boa sorte, meu amor. Que a alma de minha mãe te guie.

O rapaz não respondeu. Quis fazê-lo, mas a voz atraiçoou-o e nenhum som se ouviu.

Lentamente, sem ruído, dirigiu-se para o espaço que separava dois carros e dentro em pouco desaparecia tragado pela escuridão.

XIV

Entretanto, o que se passava com a coluna comandada pelo capitão O'Bannion e guiada pelo valente Frank?

Estavam já no terceiro dia de viagem e já se tinham enfrentado diversas vezes rijamente com os índios.

Das duras lutas que travaram, os índios ficaram a perder pois haviam sofrido baixas esmagadoras. Dos Federais sòmente quatro mortos.

Vendo que por aquele processo nenhum lucro tirava, Nuvem Vermelha decidira deixar que se juntassem à caravana para depois lançar um ataque que considerava decisivo.

Dessa forma, sem serem importunados pelos peles-vermelhas, os Federais avançavam ràpidamente e Frank Darrow contava entrar em contacto com a caravana nas próximas horas.

Com efeito, assim foi. A princípio começaram a ouvir grossas descargas e aceleraram o mais possível o andamento dos cavalos.

Estes davam o que podiam e começavam a acusar o violento esforço.

O som do violento combate foi aumentando de intensidade, à medida que a coluna se aproximava da cara-

vana e finalmente, ao galgarem uma colina, um espectáculo terrível se lhes deparou.

A caravana estava completamente cercada pelos selvagens e estes galopavam em seu redor disparando contínuas nuvens de setas.

Bem abrigados, os colonos respondiam com grandes descargas que abriam verdadeiras clareiras naquela horda de selvagens.

Mas numèricamente muito superiores, os índios iam apertando o cerco e dentro de pouco tempo um corpo a corpo teria de se verificar, com graves consequências para os heróicos pioneiros.

Assim, a coluna de auxílio chegara no momento oportuno.

O'Bannion não perdeu tempo. Com um rápido golpe de vista analisou a situação e demonstrou que estava à sua altura. Chamou o sargento Cush.

— Sargento, com metade dos homens lance um ataque pelo lado esquerdo da caravana. Eu atacarei pelo lado direito. Primeiro façam fogo com as carabinas de repetição até esgotarem os carregadores. Depois com os revólveres e a última parte será com o sabre. Demonstremos a estes selvagens quem somos e o que valemos. Espero que todos cumpram o seu dever. Atenção! Ao ataque!

Dividindo-se em duas colunas os Federais atacaram.

Frank seguia na coluna de O'Bannion.

Nesse momento os colonos divisaram-nos e um imenso alívio sentiram. Susy, com os olhos procurou o seu bem-amado, mas a distância ainda era muito grande para o reconhecer.

Porém, parecera-lhe ver entre os Federais, vestidos

de azul, um cavaleiro que envergava trajos diferentes. Uma secreta esperança brotou do seu coração.

Os índios também descobriram a coluna. A sua situação tornara-se precária, pois estavam arriscados a ficar entre dois fogos.

Hesitaram e por momentos reinou grande confusão entre eles.

Essa confusão foi magnìficamente aproveitada por Mitchell, o substituto de Frank.

No intervalo de uma das descargas gritou com quantas forças tinha:

— Todos os rapazes novos a cavalo.

Não foi preciso repetir a ordem e a maioria ouviu e passou palavra.

Entretanto os Federais chegavam à distância de tiro e as suas carabinas começaram a troar em tiros seguidos e sem interrupção.

Da caravana continuava a fuzilaria pois mesmo já montados aqueles homens continuavam a descarregar as suas armas que eram ràpidamente substituídas por outras que as valentes mulheres iam carregando ràpidamente.

Substituindo os disparos das carabinas já descarregadas, começou a ouvir-se o ladrar dos revólveres de grande calibre.

Colhidos entre os dois fogos, os índios não sabiam que fazer e caíam como tordos varados pelas balas de ambos os lados.

Cedo deixou de se ouvir os disparos dos revólveres, por se acharem já esgotadas as munições por parte dos Federais.

Os sabres foram desambainhados e uma feroz luta corpo a corpo começou a ser travada.

Foi esse o momento aproveitado por Mitchell.

Deixara de haver o perigo de se ferirem mùtuamente com tiros. Com decisão deu ordem de cessar fogo e em seguida, virando-se para os seus cavaleiros gritou:

— Ao ataque, companheiros. Sirvam-se das espingardas como maças.

Esporeando o seu cavalo foi o primeiro a sair do círculo e a lançar-se bravamente no meio dos cavaleiros índios.

Os seus companheiros não hesitaram, pois compreenderam que dependia da sua bravura o combate que se estava a travar, dado que numèricamente, apesar das inúmeras baixas infligidas aos índios, eram muito inferiores.

Travou-se então uma feroz luta corpo a corpo.

Brandindo as armas pelos canos, distribuíram coronhadas à direita e à esquerda, no que eram bravamente secundados pelos valentes Federais, que à sabrada varriam da sua frente os inimigos que tivessem a infelicidade de lá aparecer.

Os índios, por seu lado defendiam-se encarniçadamente. Empunhando o seu terrível machado de guerra, distribuíam golpes tremendos que também causavam as suas vítimas.

Como porém tinham sido surpreendidos pela maravilhosa manobra de Mitchell, a sua defesa e o seu ataque passaram a ser feitos atabalhoadamente, o que lhes dava desvantagem, sofrendo assim o dobro e até o triplo das baixas.

No meio da refrega, o jovem Mitchell descobriu

Nuvem Vermelha. O chefe pele-vermelha estava sòzinho, numa colina distante cerca de trezentos metros.

Imediatamente um plano temerário tomou forma na sua mente. Precisava de matar Nuvem Vermelha pois seria a solução, na opinião de Frank Darrow .

Esporeou violentamente o seu cavalo e passou como um furacão entre amigos e inimigos, não sendo ferido milagrosamente

Enquanto o seu cavalo manobrava na direcção do local onde se encontrava o chefe índio, ele aproveitou para ir carregando a sua «Winchester, não desfitando no entanto, nem por escassos momentos, o inimigo.

Este não reparou na aproximação do rapaz pois estava embebido no que se passava em redor da caravana.

Quando deu por tal, era demasiado tarde. Ainda quis fugir, esporeando o seu cavalo, mas a primeira bala do rapaz passou-lhe a escassos centímetros da cabeça, levando-lhe algumas penas do seu vistoso diadema.

O tiro fora dado a cerca de cem metros e com o cavalo em movimento. Novamente o jovem Mitchell meteu a arma à cara. Não se encontrava agora a mais de quarenta metros.

O cavalo de Nuvem Vermelha arrancava naquele momento. Puxando violentamente pelas rédeas do seu, obrigou-o a estacar. Firmou a pontaria, decidido a não perder aquela soberana oportunidade, e com decisão premiu o gatilho da sua arma.

A bala partiu certeira e foi cravar-se na nuca do pele-vermelha, projectando-o do cavalo para fora, em grotesca pirueta.

Os tiros haviam sido nìtidamente ouvidos pelos ín-

António onde esperava a ajuda das autoridades locais para organizar uma coluna de socorros para a caravana.

Sùbitamente começou a ouvir o tropel dos índios e os seus gritos de guerra.

Certamente que acabavam de descobrir o logro e regressavam sedentos de sangue.

Frank redobrou de atenção e passados poucos minutos os índios entravam no seu ângulo de visão.

Calmamente apontou a sua espingarda ao que vinha à frente e após breve pausa premiu o gatilho. Arrancado da sela, o selvagem foi projectado da sua montada e caiu a alguns metros de distância. Ràpidamente puxou a alavanca da arma e meteu nova bala na câmara. Novo tiro e outro dos índios foi reunir-se ao primeiro, nas grandes pradarias de Manitu.

Os restantes não perderam tempo e desmontando protegeram-se ràpidamente do mortífero fogo do rapaz.

Uma nuvem de flechas cruzou o ar espetando-se em torno do local onde estava Frank. Este respondeu com três tiros seguidos sem conseguir ferir qualquer dos peles-vermelhas.

Os índios não voltaram a atirar as suas perigosas setas. Lentamente, como felinos, começaram a rastejar na direcção da furna.

Aproveitando esta pausa, o vaqueiro meteu mais cinco balas na sua espingarda, em substituição das que gastara e terminada esta tarefa dispôs-se a aguardar que algum índio se mostrasse, para o abater.

De súbito, por trás de um calhau, começou a aparecer uma pena muito lentamente. Mal se mexendo, o rapaz apontou naquela direcção. A pena continuava a

dios, dado que a luta travada era um sangrento corco a corpo e não havia disparos.

Ao verem o seu chefe cair do cavalo, ferido de morte, resolveram debandar. Em grande gritaria, abandonaram a luta, perseguidos de perto pelos colonos e Federais que, durante algum tempo, continuaram na perseguição, abatendo-os sem dó nem piedade.

O'Bannion fez sinal de paragem e sugeriu que regressassem à caravana, pois havia muito que fazer. Era preciso enterrar os mortos e tratar dos feridos e partir quanto antes.

Estavam a meio da manhã e ainda andariam algumas milhas enquanto fosse dia. Era de aproveitar, e todos concordaram.

Frank foi o primeiro a largar para a caravana. Galopou como um doido, perante a estupefacção do comandante e dos seus homens que desconheciam a existência de Susy. Mitchell deu a explicação e todos sorriram.

— Tem fogo nas veias aquele rapaz — comentou O'Bannion. — Agora compreendo que ele tinha razão nas suas afirmações. Tenho de lhe apresentar as minhas desculpas, mas o diabo do rapaz tem um modo de dizer as coisas que desespera quem as escuta. Chamou-me cobarde, o tipo. Espero que nesta altura já tenha mudado de opinião.

Mitchell tentou compor as coisas:

— Certamente que se lhe chamou cobarde, fê-lo debaixo de irritação. O capitão deve dar-lhe um certo desconto, pois pode acreditar que Frank Darrow é um bom rapaz e a sua alma é sã. Verá que ele lhe pedirá desculpa também. Tenho a certeza disso.

— Bem, eu também tive culpa — admitiu O'Bannion falando sem o mais pequeno rancor. — Falei-lhe duramente e confesso-lhe que vim para cá como um boi vai para o matadouro, e só trouxe cinquenta homens, para a chacina ser menor. Nunca tive tanta certeza de morrer, com desta vez, e se não fosse o seu amigo, estou certo de que não tínhamos cá chegado e tenho de lhe agradecer esse facto.

Frank entretanto chegara à caravana.

Como um doido, procurou sua noiva com os olhos e estranhou que ela não viesse ao seu encontro. Certamente que o teria visto chegar e o seu procedimento era invulgar.

Um terrível pressentimento acudiu-lhe à mente.

Elevando a voz, gritou:

— Susy!

Uma mulher, que ia a passar naquele momento, tocando-lhe no ombro, disse-lhe apontando para o carro dos Robinson:

— Está no carro, Frank. Vá ter com ela. Neste momento, precisa mais do que nunca da sua ajuda. O pai...

Não ouviu o resto da frase.

Correu para o carro indicado e entrou nele como um furacão, doido de angústia.

Quedou-se especado. Robert Robinson estava deitado e com a camisa tinta de sangue.

Susy, abraçada ao pai, chorava convulsivamente e não dera pela entrada de seu noivo. Robinson ainda respirava, mas com muita dificuldade o que alarmou o rapaz.

Notando a sua entrada, o velho entreabriu os olhos, já embaciados pela proximidade da morte.

Com uma voz cava e profunda, pediu com dificuldade:

— Aproxima-te... meu... filho.

Ao ouvir o moribundo falar, Susy levantou vivamente a cabeça e encarou o noivo. Tinha os olhos vermelhos e as lágrimas escorriam-lhe em fio, pelas faces.

Frank Darrow, silenciosamente, abeirou-se do leito e acocorou-se ao lado da noiva, abraçando-a para lhe dar mais alento.

Ela escondeu a cara no seu peito e a camisa do rapaz ficou húmida com as lágrimas que vertia. Com meiguice acariciou-lhe os cabelos.

Robinson voltou a falar entrecortadamente:

— Meu filho... Chegou a minha... hora... Estás... a ouvir-me?

— Sim, pai, estou. Mas o melhor é não falar para se não cansar. Vai ver que quando chegar a Santo António se curará depressa.

— Não... tentes en... ganar... me... filho... Eu... já... apanhei... a minha... conta...

— Não digas isso, paizinho — pediu Susy com veemência.

O velho pïoneiro, porém, continuou:

— Sei... que não t... tenho... salvação... Frank... en... trego-te... o meu mais... precioso... te... souro a minha... Susy... Trata-a bem... Dêem-me... as... voss... as... mãos... Eu... vos... abençoo... em... nome... de... Deus...

Uma golfada de sangue brotou da boca daquele

bom e valente homem. Depois de um estremecimento, os seus olhos tornaram-se vítreos.

Entregara a sua alma ao Criador. Fora um valente e morrera calçado.

✱

A macabra cerimónia de enterrar os mortos ocupou-lhes toda a manhã.

Fora triste, mesmo muito triste esta cerimónia. O colono mais velho, que possuía uma Bíblia tão ou mais velha do que ele, com uma voz monótona, como o momento exigia, recitou alguns trechos, enquanto os cadáveres eram agrupados numa vala comum.

O comandante O'Bannion fora de opinião que se abrisse uma vala comum, para abreviar a paragem, pois receava um novo ataque a todo o momento, embora não fosse provável que tal sucedesse.

Houve quem piedosamente sugerisse que os índios fossem também enterrados mas o comandante opusera-se, não só pela razão atrás exposta, como também, por não achar que os peles-vermelhas merecessem tal honra.

— Os outros selvagens que os enterrem se quiserem. Caso contrário, os coiotes e os abutres se encarregarão de os sepultar nos seus profundos estômagos. Meus senhores, vamos a trabalhar depressa, pois quero dar o sinal de partida à uma hora da tarde.

E dizendo isto olhava para o seu relógio de bolso, preso a sólida corrente de ouro. Os ponteiros marcavam dez horas e cinquenta e cinco minutos e todos se apressaram nas suas tarefas.

Susy não se conformava com a perda irreparável de seu pai. A todo o momento chamava por ele em altos gritos e só a muito custo Frank Darrow a conseguia acalmar.

Todos sentiam a morte dos seus parentes e amigos. Mulheres e crianças choravam estrepitosamente a falta do seu ente querido.

Era um espectáculo que já não comovia Frank. Em três ou quatro viagens idênticas que fizera, observara sempre o mesmo espectáculo, divergindo apenas nas pessoas e nos locais.

Dessa forma, era o único que mantinha calma e sangue-frio e incansàvelmente dirigia o enterro dos mortos ao mesmo tempo que tentava por todos os meios consolar os vivos e acalentar os feridos.

O'Bannion, que a tudo assistia, sentia crescer dentro de si, cada vez mais forte admiração por aquele monstro e dava mentalmente razão a Mitchell.

XV

A caravana, agora escoltada pelos Federais, prosseguia na sua caminhada para Santo António, onde contavam chegar dentro de quatro dias.

Haviam passado já dois dias, depois do violento combate, e embora se continuassem a observar colunas de fumo, os índios não haviam voltado a atacar.

Os colonos tinham tido bastantes baixas. O trágico balanço fora de trinta e cinco mortos e quarenta e oito feridos, estes felizmente sem gravidade.

Dos Federais, tinham morrido doze e ficado feridos oito, um dos quais em perigo de vida.

As baixas por parte dos índios eram muito maiores. No combate que se travara naquela manhã memorável, mais de metade dos guerreiros peles-vermelhas tinha sido abatida. Quanto ao número de feridos, nada se sabia, mas supunha-se ser muito elevado.

Talvez por essa razão, não se aventurassem a outro ataque. No entanto, a vigilância não era descurada e à noite os carros eram formados em círculo e as sentinelas rendidas de duas em duas horas, para não adormecerem.

Ao terceiro dia de viagem, a caravana fez alto a uma ordem do capitão. Uma nuvem de poeira ia aumentando, à medida que se aproximava.

Olhando através do seu potente binóculo, O'Bannion exclamou:

— Três cavaleiros índios encaminham-se para cá e trazem uma bandeira branca. Que diz a isto, Darrow?

— Confesso que não sei, comandante. O melhor será aguardarmos.

Os índios foram-se aproximando e pararam as montadas a cerca de cem metros de distância.

O que vinha à frente levantou o braço direito com a palma da mão voltada para a frente em sinal de paz. O'Bannion respondeu de modo idêntico.

Voltando-se para o sargento Cush, ordenou:

— Tome conta dos homens, sargento. E prepare-se para entrar em acção, em caso de necessidade. Frank! Quer vir comigo? Você tem mais prática do que eu, no trato com estes selvagens. Por minha vontade, mandava já fuzilá-los.

— Tenha calma, comandante. Estes vêm em paz. Vamos ver quais são as suas intenções. Mitchell! Vem connosco e coloca-te do outro lado do comandante.

Os três esporearam as montadas, enquanto na sua retaguarda ouviam o som característico do movimento da alavanca das «Winchester», ao ser-lhes introduzidas balas nas câmaras.

Em caso de traição por parte dos índios, estes seriam varridos, sem dó nem piedade, por um furacão de ferro e fogo.

Nesse momento, Frank reconhecera um dos índios. O que estava em posição mais avançada era Pequeno Chacal.

Este, por sua vez, também reconheceu o rapaz que em

luta leal, dias antes, tão generosamente lhe poupara a vida.

Darrow identificou-o a O'Bannion:

— O que está à frente é Pequeno Chacal, filho de Nuvem Vermelha e certamente que assumiu as funções do pai.

Chegando à distância de cinco metros, os três pararam. Pequeno Chacal falou no seu inglês arrevezado:

— Nuvem Vermelha morrer em luta. Eu ser Pequeno Chacal e ser novo chefe de peles-vermelhas.

— Já sabemos isso — retorquiu O'Bannion. — Que querem agora?

— Pequeno Chacal ver brancos serem leais e querer fumar cachimbo de paz. Nunca mais guerreiros vermelhos voltar lutar com «rostos pálidos».

Voltando-se para Frank, O'Bannion perguntou:

— Que acha que devo fazer?

— Comandante, tem agora uma grande oportunidade de terminar esta maldita luta. Se fumarmos o cachimbo da paz, todos poderão atravessar o território índio sem perigo, pois não serão atacados.

O'Bannion mostrava-se hesitante, temendo uma cilada. Perguntou:

— Isto não será um truque para outra traição?

— Oiça, comandante. O melhor é não discutirmos isto em frente destes tipos. Vamos até à caravana e lá combinaremos tudo, de acordo com todos.

— Acho bem — respondeu o capitão.

Voltando-se para o jovem chefe índio, o rapaz disse-lhe:

— Vocês vão esperar aqui, enquanto nós vamos estudar a vossa proposta.

— Pequeno Chacal esperar aqui, resposta do chefe «rosto pálido» — respondeu o índio.

Enquanto os três cavaleiros índios permaneciam no mesmo local, os três brancos regressaram à caravana, onde eram aguardados por todos com ansiedade.

Ninguém sabia o que se estava passando e todos estavam a postos, pensando num novo ataque. Assim, os três viram-se rodeados de gente que os crivava de perguntas.

Frank pediu silêncio e depois de o ter conseguido perguntou a O'Bannion:

— Comandante! Estou à espera de ouvir a sua opinião.

Voltando-se para todos, O'Banion falou:

— O chefe índio vem pedir para fumarmos o cachimbo da paz. Eu pela minha parte não concordo, pois afigura-se-me que se trata de um truque para nos atacarem à traição.

Frank Darrow falou logo o seguir:

— O seu ponto de vista está errado, comandante. Eu conheço sobejamente os costumes dos índios e posso garantir que se não trata de uma traição. Os peles-vermelhas sofreram uma derrota que os deixou aniquilados e Pequeno Chacal quer paz. É a maior oportunidade que tem para conseguir que o território índio deixe de ser um pesadelo para os colonos.

— Suponha que é realmente uma traição... — insistiu o capitão.

— Temos de nos arriscar, comandante — retorquiu o rapaz. — Se deixar fugir esta oportunidade, será responsável pelo que possa suceder a futuras caravanas de

colonos. Lembre-se do que lhe digo eu, em frente de testemunhas. O senhor será o responsável.

— Mas, porque razão hão-de os colonos atravessar este maldito território índio, caramba? — vociferou O'Bannion.

— Por favor, comandante, não voltemos à discussão do outro dia. Se os colonos atravessarem o território índio, na sua caminhada heróica para o Oeste selvagem, é porque o trajecto fica dessa forma diminuído em cerca de um terço. O senhor sabe isso muito bem. Mas basta de discussões inúteis. Comandante, está ou não disposto a fumar o cachimbo da paz? Não podemos fazer esperar indefinidamente o chefe índio.

O'Bannion estava entre a espada e a parede. Se por um lado lhe desagradava confraternizar com os índios, com receio de uma traição, por outro, também lhe desagradava ser tomado como responsável por futuras lutas que se viessem a travar entre colonos e aqueles selvagens. Depois de pensar um pouco resolveu-se finalmente.

Encheu o peito de ar e encarando duramente Darrow exclamou:

— Pois bem, seja feito o que você quer. Porém, desde já pode ficar ciente de que o responsabilizarei pelo que possa vir a suceder.

Frank sorriu aliviado. Com voz alegre exclamou:

— Obrigado, comandante. Vejo que quando é necessário tomar uma decisão, não hesita em optar pela mais acertada. Pode contar com a gratidão de todos os futuros colonos e destes que chegarão finalmente a Santo António, sem voltarem a ser incomodados pelos índios. Se me dá licença, vou avisar Pequeno Chacal.

subir e por fim a testa e um par de olhos apareceram. Frank só teve de apertar o gatilho da sua arma e mais um dos seus adversários deixou de o preocupar. A bala penetrara-lhe mesmo no centro da testa e dera-lhe morte instantânea. Morrera sem sequer dar um grito.

Entretanto os restantes nove guerreiros procuravam aproximar-se lentamente do refúgio do vaqueiro. Este continuava com todos os sentidos alerta, à espera de uma oportunidade para eliminar mais um. Cada índio que abatesse, era menos um obstáculo no seu caminho para Santo António.

A noite ia-se aproximando e constituía a sua grande oportunidade. Se conseguisse aguentar-se até lá, teria grandes probabilidades de fugir a coberto da escuridão.

Confiava no êxito, porque os índios, para chegar ao sítio onde se encontrava tinham de atravessar um descampado e aí abatê-los-ia sem remissão.

Estava nestas conjecturas, quando os índios se resolveram a fazer um ataque frontal em massa.

Obedecendo a um sinal, saíram de trás dos seus refúgios e lançaram-se abertamente em louca correria, encosta acima, de machados em riste e gritando à sua maneira.

O rapaz sorriu pois oferecia-se-lhe uma bela oportunidade para desmantelar os seus inimigos.

Os índios haviam surgido a cerca de cinquenta metros.

Deixou-os avançar metade da distância para ter a certeza de que não errava e então abriu fogo.

Três tiros seguidos e bem dirigidos atiraram para Manitu com outros tantos selvagens. Os restantes seis, vendo que por este método nada conseguiam, retrocede-

— Vá e não demore — pediu o comandante O'Bannion.

O rapaz, esporeando o cavalo, lançou-se na direcção do local onde aguardavam Pequeno Chacal e os seus sequases.

Poucos minutos depois, enquanto os índios partiam, ele regressava à caravana.

Quando passou por Cush, disse-lhe para regressar com os Federais. Já não era necessário continuarem de prevenção.

A cerimónia fora marcada para quando o sol estivesse a pino e seria levada a efeito sob uma árvore secular, sagrada, que distava cerca de quinhentos metros do local onde haviam parado.

A ela sòmente deviam assistir o feiticeiro, que acenderia o cachimbo, Pequeno Chacal e seus dois lugares-tenentes, Frank Darrow, Mitchell e o capitão O'Bannion.

Este ordenou a Cush que estivesse atento e entrasse em acção logo que verificasse qualquer anormalidade.

O sargento a tudo dissera que sim, mas conhecedor dos costumes índios não ligara importância a nada e fora deitar-se debaixo de um dos carros, onde desfrutava uma magnífica soneca.

Dera ordem a um soldado para o acordar quando a cerimónia acabasse.

Esta só terminou passadas duas horas.

O cachimbo da paz andara de boca em boca, enquanto o feiticeiro pronunciava palavras ininteligíveis e se movia em grotesca dança.

Era a primeira vez que O'Bannion tomava parte numa cerimónia daquelas e mostrava-o. O seu olhar não

desfitava o que se estava passando e tudo observava com atenção, no intuito de, nas longas noites de Inverno, contar a transcendente cena a seus netos...

Depois de fumado o cachimbo da paz, procedeu-se à cerimónia de enterrar o machado de guerra.

O feiticeiro continuava na sua dança convulsiva e a certa altura ajoelhou-se em frente de Pequeno Chacal com a mão direita estendida. O jovem chefe entregou-lhe um velho e artístico machado que devia ter vindo dos seus antepassados. O feiticeiro levantou-se de um salto e, com gritos guturais, golpeou o vácuo diversas vezes.

Instintivamente O'Bannion levou a mão ao revólver, pensando tratar-se de uma agressão; mas um gesto de Frank deteve-o.

Como que movido por uma mola, o feiticeiro deu um salto e caiu de joelhos em frente do capitão, com a mão esquerda estendida.

O'Bannion não sabia que fazer, pois nunca assistira a tal cerimónia, o que não sucedia com Darrow, que num rápido movimento desfez um embrulho que levava e lhe depositava nas mãos um revólver, indicando-lhe, com um gesto, que o entregasse ao feiticeiro. O aturdido capitão assim fez.

Logo que agarrou no revólver, o feiticeiro levantou-se de um salto e a dança continuou terminando ao serem depositados numa cova prèviamente aberta para o efeito, os dois instrumentos de guerra. Depois, deitando-se no chão, caiu em transe.

Nessa altura, Pequeno Chacal levantou-se e O'Bannion, resolvido agora a imitar em tudo o jovem chefe, fez a mesma coisa.

Aproximaram-se ambos da cova e o capitão compreendeu o que se ia passar. Com as mãos, apanharam terra do chão e taparam-na. Estava assim concluído o tratado de paz. Pequeno Chacal desenrolou a vistosa manta que o envolvia e de um saquito retirou uma substância desconhecida que lançou na fogueira, produzindo grande fumarada branca. Depois, com a manta tapou e destapou a fogueira sucessivamente provocando os sinais de fumo que tanto haviam preocupado colonos e Federais.

Como que obedecendo a um sinal, nas colinas próximas diversas colunas de fumo idênticas foram aparecendo, ao mesmo tempo que uma grande gritaria se escutava. Os índios estavam a celebrar o tratado de paz.

A cerimónia terminara e depois de cerimoniosa despedida como o momento exigia, cada um partiu para seu lado.

Chegados à caravana, O'Bannion dirigindo-se a Frank Darrow disse-lhe:

— Darrow! Quer dar-me um aperto de mão?

— Com todo o gosto, comandante.

Os dois homens trocaram o cumprimento efusivamente. O capitão continuou:

— Falo alto, para que todos oiçam. Apresento as minhas desculpas pùblicamente ao mais extraordinàrio homem que conheço. Frank Darrow, aceita as desculpas que lhe são apresentadas por um honrado capitão dos Federais?

— Por Deus, comandante, eu...

— Responda, Darrow. Sim ou não?

— Aceito as suas desculpas, capitão O'Bannion — respondeu o rapaz. — Mas quero também pedir-lhe

desculpa de um dia lhe ter chamado cobarde. Retiro tudo o que disse, capitão O'Bannion. Gostaria de saber se também aceita as minhas desculpas.

— Com certeza, Darrow. Ao mesmo tempo estou satisfeito por lhe ter demonstrado que não sou nem nunca fui um cobarde. Às vezes, devido ao excesso de precauções, para poupar a vida dos meus homens, as minhas intenções são mal interpretadas. Está desculpado, Frank Darrow.

Uma salva de palmas e vários tiros disparados para o ar acolheram as palavras leais de O'Bannion.

A caravana retomou a marcha e naquele dia foram seguidos durante muito tempo pelos peles-vermelhas que lhes acenavam em sinal de amizade.

Ao anoitecer, atravessaram um rio que marcava a fronteira do território índio.

Podiam finalmente respirar aliviados. A partir dessa altura, podiam ter a certeza cem por cento de que não voltariam a ser atacados pelos índios.

Dois dias depois, Santo António estava à vista. Em muitos rostos de homens e de mulheres apareceram lágrimas de comoção. Muitos lábios se moveram em frementes preces de agradecimento ao Criador.

Para todos eles, uma nova vida ia começar.

EPÍLOGO

A recepção em Santo António fora apoteótica.

Todo o pessoal do rancho de Frank Darrow estava presente e vitoriava o seu valente patrão, atirando os grandes chapéus ao ar, ao mesmo tempo que disparava os revólveres para o céu.

A banda militar esmerou-se na interpretação de diversas árias.

«Sugar» estava presente, também, pela mão de Ralph que o tratara como se fosse um rei.

O xerife foi o mais infeliz de todos. Um violento ataque de reumatismo obrigava-o a estar permanentemente apoiado a um nodoso bastão, pois não quisera ficar na cama. Também queria marcar presença e conseguira-o, sabe Deus à custa de que sacrifícios.

Frank e a rapariga, nessa noite, ficaram hospedados, cada um em seu quarto, fornecidos por Ralph Mills.

No dia seguinte casaram na pequena capela de Santo António.

Não convidaram ninguém, pois não podiam dar festa. No entanto, o átrio da capela estava pejado de gente que viera assistir ao enlace.

Quando saíram da igreja, de braços dados, os va-

queiros do rancho formavam duas filas por entre as quais ambos passaram, cheios de emoção.

Várias amigos vieram felicitá-los. A todos sorriram e agradeceram e por fim entraram para uma caleche que os esperava. Primeiro Susy, seguindo-se-lhe Frank.

O cocheiro estalou o chicote e os cavalos partiram a trote. Frank agarrou a rapariga pelos ombros e atraiu-a a si. Ambos se fixaram por momentos. Depois os seus lábios uniram-se num longo beijo de amor.

Era o primeiro beijo de casados.

Não falaram.

Para quê?

Tinham tanto tempo...

F I M

Luís Manuel Ribeiro Vieira

ram ràpidamente para a posição inicial, não sem que um deles recebesse na nuca uma bala que o prostrou para sempre.

Depois de abrigados, os índios não deram mais sinal de vida, o que fez pensar ao rapaz que se preparavam

Mal sabiam eles, porém, que o valente vaqueiro não se deixaria surpreender.

Quando a noite caiu, Frank preparou-se para fugir.

Metendo dois dedos na boca emitiu um finíssimo assobio que passaria despercebido a quem não estivesse atento.

À sua direita, em baixo, um sopro breve fez-lhe saber que «Sugar» estava perto. Se conseguisse chegar até ele, estava salvo.

A luta durara três horas, tempo mais que suficiente para que o seu fiel animal tivesse descansado. Santo António estava perto e ele aguentaria uma cavalgada com certeza.

Lentamente começou a rastejar para fora da furna.

O PERIGO ESPREITA O SEU FILHO...

BANHOS FORÇADOS...

LUZ DEFICIENTE...

FÓSFOROS...

BEIJOS DE TODOS...

TESOURAS...

ANEIS APERTADOS...

ANIMAIS...

TOMADAS ELÉCTRICAS...

...ESTE É UM DOS ASSUNTOS DA

REVISTA QUINZENAL

MAMÁS e bebés

CONTINENTE 8$00

ULTRAMAR 10$00

FOTOGRAVURA NACIONAL LDA — LISBOA

II

Os seus sentidos estavam alerta, pois o mais pequeno delize poderia significar a sua morte e a destruição da caravana onde vinha a mulher dos seus sonhos.

Já fora da furna, começou a arrastar-se com uma lentidão extraordinária. Tinha de o fazer com o máximo cuidado, porque o terreno, dada a sua estrutura, era constituído por calhaus que ao mínimo toque poderiam deslizar e denunciar assim a sua tentativa de fuga.

Deslocava-se para a direita, donde lhe pareceu vir a resposta do seu cavalo.

Sùbitamente parou. Uns metros à esquerda julgou distinguir um vulto que, rastejando também, subia a encosta na direcção da furna que acabara de abandonar.

Com os nervos tensos empunhou a sua faca do mato e aguardou sustendo a respiração.

Acabava de surgir um contratempo. Aquele índio, cobiçando a sua cabeleira e a mais bonita mulher da caravana, resolvera antecipar o ataque e sòzinho ia tentar surpreender o rapaz.

Se o deixasse continuar a escalada, o índio, ao dar pela sua fuga, daria o alarme antes do tempo necessário para ele atingir o cavalo.

— Não, assim não pode ser — murmurou para consigo o rapaz. — Tens de morrer sem barulho.

Encolheu-se o mais que pôde no sítio onde estava. Se o índio prosseguisse na direcção que levava, passaria a um escasso metro dele. Nessa altura cair-lhe-ia em cima e apunhalá-lo-ia, tapando-lhe a boca para não gritar.

Dito e feito. Com toda a sua atenção na gruta, o índio não vira o rapaz.

Tarde verificara o seu erro e já sem possibilidades de o rectificar.

Enquanto que com a mão esquerda lhe tapou fortemente a boca, com a faca do mato, na direita, vibrou-lhe violenta punhalada nas costas. A faca penetrou entre duas costelas e crávou-se-lhe no coração.

Continuou a segurar com força o cadáver do seu adversário, atenuando assim o estertor da morte que lhe agitava o corpo todo.

Depois de se ter certificado de que o índio já não mexia, largou-o muito lentamente e descravou-lhe a faca das costas.

Um jorro de sangue brotou, salpicando-lhe a roupa. Com repugnância limpou a faca no próprio corpo do pele-vermelha.

Depois limpou o suor que lhe perlava a testa e só então reiniciou a descida interrompida, sempre para a direita onde deveria estar o seu fiel cavalo.

À sua esquerda, cinquenta metros abaixo, notou vozes em surdina. Os restantes quatro índios deviam estar a aguardar a chegada do seu companehiro ou a preparar um novo plano de ataque.

Continuou a afastar-se lentamente. Tinha grande pressa de chegar ao seu cavalo, mas não podia precipitar-se. Para se orientar melhor, parou e deu novo finíssimo assobio. Outra vez o animal respondeu e o vaqueiro sorriu por ver que se deslocava na boa direcção.

Decorreram cinco minutos durante os quais percorreu cerca de dez metros que lhe pareceram outras tantas milhas.

Para o lado dos índios, não se ouvia o mínimo rumor. Certamente que tinham dado início à escalada, estranhando a demora do companheiro.

Frank continuou a rastejar sem ruído, até que por fim distinguiu o vulto do cavalo. Lentamente pôs-se de pé e agachado aproximou-se dele sem ruído, tapando-lhe logo as ventas para evitar que relinchasse de satisfação.

Tirou um torrão de açúcar do bolso e deu-lho.

De repente, um plano cruzou-lhe a mente. Se espantasse os cavalos índios, estes só pela manhã poderiam dar início à nova perseguição o que lhe permitiria distanciar-se umas boas milhas, ou até, chegar a Santo António sem novidade.

Com os cavalos pela rédea, dirigiu-se silenciosamente para o sítio onde os índios tinham acampado.

Um relinchar localizou-lhe os cavalos.

Continuou a deslocar-se lenta e silenciosamente naquela direcção.

Conforme pensara, os índios tinham iniciado o seu ataque à furna, esperando encontrá-lo lá. Os cavalos estavam desguarnecidos e a sua tarefa foi fácil.

Montou «Sugar» e esporeou-o naquela direcção, ao mesmo tempo que disparava os dois revólveres e gritava como um desalmado.

Assustados, os animais lançaram-se a galope ladeira abaixo enquanto junto à furna se ouvia grande algazarra dos índios ao verem-se logrados em seus cavalos.

Frank perseguiu durante um pouco os cavalos índios e depois, mudando de rota, retomou a direcção de Santo António.

Pelos seus cálculos, dado que durante a noite não se poderia deslocar a galope, contava atingir a cidade no dia seguinte por volta do meio-dia.

O nascer do sol veio encontrá-lo no alto de um monte, onde parara para se orientar. Ele conhecia bem aquela região e se não fosse isso teria já sido captu-rado e morto pelos índios.

Novamente lançou o seu cavalo pela encosta, pois sabia que não devia perder tempo.

Os índios àquela hora já deviam ter encontrado os cavalos e a perseguição não se faria esperar, estando eles raivosos por terem sido ludibriados tão fàcilmente.

Durante uma hora galopou sem cessar, tirando o máximo rendimento do seu cavalo, ao qual ia dando de vez em quando uns torrões de açúcar. Depois, aproveitando um cabeço, voltou a parar, para dar um pouco de descanso ao seu cavalo e observar ao mesmo tempo se os índios tinham ou não abandonado a perseguição.

Nada viu que o alarmasse, pelo que se deitou na relva, resolvido a refazer-se também um pouco das

suas canseiras. Havia já duas noites que não dormia e o seu organismo ressentira-se disso.

«Sugar», entretanto, pastava erva tenra e matara a sua sede numa nascente que encontrara.

Frank, sabendo que seria avisado pelo seu fiel cavalo se alguma coisa de anormal acorresse, fechou os olhos disposto a dormir um pouco.

Dormia há aproximadamente uma hora quando foi acordado por um relincho do seu fiel animal.

Levantou-se de um salto e esquadrinhou os arredores. Ao longe, na direcção de onde viera, levantava-se uma nuvem de poeira.

— Malditos índios — murmurou. — Não me dão descanso esses cães. Se eu pudesse perder mais tempo dir-vos-ia, cachorros! Bem, «Sugar», mais uma etapa e agora só pararemos em Santo António. Vá, toma lá os dois últimos torrões de açúcar.

O cavalo relinchou de prazer com o açúcar.

De um salto o cavaleiro sentou-se na sela e bastou um pequeno aperto de joelhos para o animal se lançar em louca correria monte abaixo na direcção de Santo António.

Entretanto os quatro índios sobreviventes continuavam a perseguição.

Pela manhã os cavalos haviam regressado e não perderam tempo. Seguido o rasto deixado por «Sugar», os selvagens voltavam à carga sedentos de sangue e na disposição de acabarem de vez com o «rosto pálido».

Finalmente, à custa de louca corrida, divisaram cavalo e cavaleiro no alto dum monte, a cerca de três quilómetros.

A distância entre eles era muito grande, mas iam dar tudo por tudo para alcançar o terrível branco.

Para isso foram-se revezando na perseguição, ora puxando um ora outro, o que a pouco e pouco ia diminuindo a distância entre eles.

Frank Darrow não se cansava de incitar o seu cavalo:

— Anda, «Sugar». Mais um esforço e chegaremos a Santo António. Depende de ti o êxito da minha missão. Vamos, «Sugar», demonstra-lhes que sabes correr.

E o fiel animal dedobrava os seus esforços para conseguir chegar ao seu destino.

Olhando para trás, o vaqueiro verificou que os índios haviam diminuído bastante a distância que os separava.

No entanto, ainda estavam a cerca de dois quilómetros pelo que confiava chegar são e salvo à cidade.

O tempo entretanto ia passando e os índios iam reduzindo a distância a pouco e pouco.

O rapaz preparou-se então para lhes fazer frente pela última vez.

Nunca na sua vida fora perseguido tão dura e tenazmente. Já tivera diversas contendas com índios, mas aquela tinha ultrapassado todos os limites e já que eles queriam luta, iam tê-la e brava.

Da bolsa do arção retirou a sua «Winchester» e com um movimento brusco puxou a alavanca, metendo-lhe uma bala na câmara.

Com aquela arma e bem entrincheirado não tinha medo de um exército de índios armados de arcos e flechas.

Búfalo

Não abrandou a velocidade do cavalo pois só em último recurso pararia, uma vez que lhe não convinha perder tempo.

«Sugar» estava extenuado e perdia terreno a olhos vistos.

Os índios aproximavam-se a grande velocidade e já traziam os arcos armados de flechas prontos a disparar.

Com uma rápida olhadela, Frank verificou que já estavam a trezentos metros, uma distância razoável de tiro. Verificou também que os índios estavam bastante separados uns dos outros, conservando-se agachados para lhe dificultar a pontaria.

Continuou a incitar o seu animal que estava quase a rebentar, espumando pela boca e com os olhos quase fora das órbitas.

Para evitar que o animal rebentasse, resolveu-se finalmente a enfrentar os quatro diabos vermelhos.

De um salto desmontou e protegeu-se atrás de um grosso tronco seco.

Meteu a arma à cara e a primeira bala encontrou na sua trajectória a cabeça de um dos índios que estourou, ao mesmo tempo que o seu possuidor era projectado na sela e se estatelava no chão.

Uma nova bala abateu o cavalo de outro dos seus perseguidores, tendo o seu dono caído e fracturado o crânio contra uma pedra.

Os outros dois cavaleiros, porém, não se detiveram na sua correria e pendurados nas selas, para se protegerem, galoparam audaciosamente ao encontro do seu inimigo.

A menos de trinta metros dispararam os seus arcos e duas setas, sibilando, foram cravar-se no tronco seco que protegia o rapaz.

Este em resposta abateu à queima-roupa um dos índios, ao mesmo tempo que outro lhe caía em cima com o machado empunhado e lhe vibrava um golpe que só por sorte o não apanhava, partindo-se-lhe o cabo ao bater a lâmina violentamente numa pedra.

Como que movido por uma mola, o guerreiro vermelho levantou-se empunhando uma afiada faca de folha larga.

Os seus olhos cruéis brilhavam com ódio e a sua expressão feroz exprimia a sua ânsia de matar o branco.

Frank levantou-se também ràpidamente e instintivamente levou as mãos aos revólveres.

Poderia, se quisesse, terminar ali a luta disparando sobre o índio que sòmente estava armado de uma faca.

Repugnava-lhe no entanto proceder dessa forma e já que o índio queria luta, ia dar-lha mas com armas iguais.

O selvagem vendo o instintivo movimento do rapaz em procura dos revólveres hesitara e ficara na expectativa.

Foi com espanto que o viu desapertar o cinturão e deixá-lo cair juntamente com as armas e um sorriso cruel brilhou nos seus lábios ao ver que o branco empunhava também uma faca.

Os dois contendores começaram a estudar-se com grande atenção e ensaiaram uns golpes tentando surpreender o adversário.

Ambos sabiam que estavam travando uma luta de

morte e ao mais leve descuido poderiam passar-se desta para melhor.

A certa altura o índio levou ambas as mãos atrás das costas. Era um velho truque que dava sempre resultado pois o adversário nunca sabia com qual das mãos seria vibrado o golpe.

O vaqueiro redobrou de atenção e aguardou. O ataque não se fez esperar.

Simulando com a mão direita, o índio atacou com a esquerda armada. Por escassos milímetros a lâmina não encontrou a jugular do rapaz.

Aproveitando o desequilíbrio do índio, Frank agarrou-lhe o braço esquerdo pelo pulso ao mesmo tempo que largava a sua arma para ficar com a mão livre.

Não lhe largando o pulso esquerdo, com a mão direita agarrou o selvagem pelo pescoço e obrigou-o a cair por terra, sentando-se-lhe sobre as costas.

Uma vez nesta posição, com ambas as mãos torceu o pulso do índio até o obrigar a largar a arma.

O pele-vermelha debatia-se violentamente para se desenvencilhar do seu adversário, mas por mais que fizesse não o conseguiu.

Então, vencido, disse:

— «Rosto Pálido» ganhou a Pequeno Chacal filho de Nuvem Vermelha. Pode matar a mim porque eu perder.

— Não, Pequeno Chacal. Eu não costumo matar homens indefesos. Eu só mato quando sou atacado e se o meu adversário for traiçoeiro. Se for leal como tu, não mato.

— Eu já dizer «a rosto pálido» que pode matar a mim. Eu perder e não ser digno viver.

— Ouve, Pequeno Chacal, eu vou soltar-te e espero que não me ataques à traição. Lutaste como um homem e mereces que te deixe com vida.

Dizendo isto, Frank Darrow saiu de cima do índio. Este, cansado pela luta, levantou-se a pouco e pouco e deixou-se ficar sentado, arfando.

Depois com a voz cansada o índio falou:

— Pequeno Chacal fica a dever grande favor a «rosto pálido».

— Nada disso — respondeu o branco. — Não me ficas a dever nada. Isto é para que vocês saibam que nós os brancos não matamos por prazer enquanto que vocês fazem o contrário.

— Nós ser leais quando encontrar adversários leais também.

— Não, Pequeno Chacal. Sabes bem que não é assim. Porque razão atacaram vocês a caravana onde eu vinha?

— Meu pai, Nuvem Vermelha, não quer que brancos atravessem território índio. Brancos não querer saber e atravessam sempre.

— Mas os brancos não atacam se não forem atacados.

— Alguns atacarem guerreiros meus irmãos. Nós querer vingá-los.

— Ouve, Pequeno Chacal, tu vais regressar aos teus bravos e dizer a teu pai que não ataquem aqueles brancos. Se ele o fizer vai pagar muito caro, porque eu vou a Santo António buscar tropas. Vai depressa avisar o teu pai porque senão vão morrer todos aqueles índios. E diz-lhe também que, se quando eu lá chegar com tro-

pas os brancos tiverem todos morrido, eu mesmo procurarei Nuvem Vermelha para o matar. Vai Pequeno Chacal e dá este recado a teu pai. Nós continuamos amigos, não é verdade?

— Eu ser amigo de «rosto pálido» por não matar a mim, mas ser inimigo de seus irmãos brancos. Eu dizer tudo a meu pai.

— Então adeus Pequeno Chacal. Se um dia precisares de mim lembra-te de Frank Darrow. Adeus.

E acenando com o chapéu, Frank montou «Sugar» e a passo dirigiu-se para Santo António.

III

À hora a que quase todos os seus habitantes estavam a almoçar, Frank chegou a Santo António.

Apesar de já terem decorrido três horas desde a luta com o Pequeno Chacal, o seu cavalo ainda estava derreado pela desenfreada cavalgada.

Até chegar à cidade, o cavaleiro deixou-o seguir a passo e se não fora isso teria chegado muito mais cedo.

«Sugar» não podia, sem prejuízo de vida, fazer o mesmo trajecto no dia seguinte e teria de ser substituído a fim de se recompor completamente.

Chegando à cidade, Frank dirigiu-se logo ao «Mill's Cabaret», propriedade de Ralph Mill's, um seu velho amigo.

Amarrou «Sugar» à barra e chegou-lhe para perto do focinho um recipiente com água que encontrou.

Depois sem perda de tempo dirigiu-se a um palheiro situado ao lado do «cabaret» e sem cerimónia carregou com um grande fardo de feno, depositando-o ao lado do recipiente da água.

Nesse momento uma voz fez-se ouvir nas suas costas:

— Alto aí, forasteiro, nesta terra só se utiliza o que é nosso.

Reconhecendo a voz de Ralph Mill's, Frank voltou-se para o amigo.

— Frank Darrow — gritou Ralph! — Mas ainda não estou bêbedo para ter visões, com um raio. — E dizendo isto esfregava os olhos.

— Olá, velha ave de rapina — saudou Frank. — Não estás bêbedo, não. Sou eu mesmo e acabo de chegar.

— Dá cá um abraço, caramba! Há que tempos te não via.

E os dois amigos abraçaram-se amigàvelmente.

— Antes de mais nada, Ralph, quero que me tratem do cavalo com o máximo cuidado. Acabámos de ser vítimas da maior perseguição da minha vida e ele se não rebentou não deve ter faltado muito. Por favor trata-o bem. Outra coisa. Preciso de um bom cavalo para amanhã. Por favor não te esqueças. E agora, para mim, vais mandar fazer um almoço, como tu sabes.

— Estás ferido? Tens para aqui sangue.

— O que aqui vês é sangue de índio. Nesta minha perseguição matei cerca de vinte. Foi uma coisa horrível. A sorte foi eles não trazerem armas de fogo, caso contrário, a estas horas a minha cabeleira serviria de enfeite na tenda de algum desses selvagens.

— Vamos para dentro e depois contas-me tudo. — E dirigindo-se a um vaqueiro que ia a passar gritou: — Eh! Tu, aí. Anda, caramba! Toma conta deste cavalo e trata-o como se fosse teu pai. Ai de ti se o tratas mal, ouviste?

Quem não conhecesse Ralph Mill's e o ouvisse falar desta maneira teria dele a pior das impressões.

Mas Ralph era a melhor pessoa de Santo António e aquela linguagem áspera fora adquirida desde que transformado em colono se aventurara por aquelas terras inexploradas.

Ninguém levava a mal o seu fracasso porque todos conheciam já o bom coração do velho pioneiro.

Sorrindo, o vaqueiro pegou nas rédeas de «Sugar» e lentamente levou-o para os estábulos onde iria ser tratado como um rei.

Naquele Oeste de antanho a vida de um cavalo valia tanto como a vida de um cavaleiro e mal de quem maltratasse ou roubasse um cavalo.

Os dois amigos entraram no «bar» e pouco depois, à frente de um suculento prato de bifes, batatas fritas e ovos, Frank Darrow punha o seu amigo a par da sua excitante aventura.

Ralph Mills não se cansava de injuriar os índios com todo o seu vasto repertório, capaz de fazer corar de vergonha uma mula.

No fim da narrativa perguntou agastado:

— E deixaste esse maldito pele-vermelha com vida? Isso nem parece de um homem consciencioso como tu.

— Só ganhei com isso, Ralph. Primeiro, não assassinei a sangue-frio o desgraçado e segundo, ele contará a Nuvem Vermelha o que se passou e pode ser que deixem em paz a caravana. Compreendes agora porque evitei matar esse jovem índio?

— Tens razão, rapaz. Mas desconfio que por esse lado nada consegues.

— Bem, para já vou falar com o xerife. Ainda é o velho Sheridan?

— Ainda. Essa coruja nunca mais morre.

Levantando-se da mesa, o rapaz despediu-se:

— Até logo, Ralph. Prepara-me uma cama pois preciso muito de dormir. Logo que trate de tudo, venho dormir pois amanhã quero estar fresquinho para a segunda parte da minha missão.

E dizendo isto saiu dirigindo-se logo para o escritório do xerife.

Ao vê-lo entrar, Sheridan deu um salto na cadeira.

— Frank Darrow!

— É verdade, xerife, eu em carne e osso como vê. Como tem passado do seu reumático? Se bem me recordo sofria de reumatismo, não é verdade?

— Por favor não me fales disso, rapaz. Ainda agora, ao ver-te, dei um jeito que me ia matando.

Penosamente levantou-se e apertou a mão ao rapaz.

— Então o que te traz por cá?

— Sou o guia de mais uma caravana de colonos para Santo António. Fomos atacados por Nuvem Vermelha e os seus homens e eu furei o cerco e vim pedir socorros. Estamos a três dias de distância. É muito urgente, xerife, pois se demoramos não se salva ninguém.

— Isso agora já me não compete, Frank. Há cá um destacamento de Federais que está encarregado desses assuntos. Chegou há dias.

— Quem é o comandante?

— Harold O'Bannion. É um tipo difícil, sabes? É capaz de torcer o nariz.

— Torcer o nariz? Nem que seja à força, xerife, ele há-de ir socorrer esses desgraçados. Para isso está ele aqui.

— Calma, Frank, calma. Assim, dessa maneira nada

consegues. Anda comigo. Vamos falar a O'Bannion. Procura não te enervares. Com calma consegue-se tudo.

Os dois saíram e dirigiram-se para o quartel dos Federais. Falaram com a sentinela e passados minutos chegavam à presença do .comandante.

Sheridan apresentou-os e passados momentos o rapaz punha o comandante dos Federais a par da situação.

Conforme o xerife havia prevenido o rapaz, O'Bannion torceu o nariz e disse com o cenho franzido:

—Esses malditos colonos não sabiam vir por outro lado sem ser pelo território índio? É claro que, como sempre, quem vai salvar a situação e arriscar a vida são os Federais. Isto tem de acabar. Estou farto.

Adivinhando uma resposta violenta da parte do rapaz, o xerife antecipou-se:

—Por onde queria que eles viessem, comandante? Vindo pelo território índio, poupam metade do caminho, não se esqueça.

—E que temos nós com isso? Que não viessem esses colonos. Fartos dessa gente estamos nós. Colonos... colonos!

Não se podendo conter, Frank estoirou:

—Colonos, colonos? Quem é você para dizer isso? Já viu o que seriam estas terras se não fossem os colonos, que superando todos os obstáculos cá chegaram? Lamento sinceramente que o chefe dos Federais pense desta maneira e lamento ainda mais que tenha a pouca vergonha de o dizer. — E rematando: — Comandante O'Bannion, fica desde já avisado de que se não socorrer esses desgraçados, se não mandar amanhã uma coluna, queixar-me-ei de si. Fica responsabilizado pelo que lhes

TERRITÓRIO ÍNDIO

Búfalo

possa suceder por negligência da sua parte. Parece ter medo, comandante.

O'Bannion levantou-se de um salto e fitou duramente o vaqueiro. Este susteve o seu olhar. Lentamente o comandante voltou a sentar-se. E com voz pausada disse:

— Um dia se arrependerá das suas infelizes frases. Esteja descansado, porque amanhã mesmo partirá uma coluna de Santo António, comandada por mim. Demonstrar-lhe-ei que não tenho medo. Depois ajustaremos as nossas contas.

— Quando quiser, comandante, estou ao seu dispor. Eu sòmente quero e exijo que cumpra o seu dever de homem e cidadão. Fora disso, pode fazer o que lhe aprouver. Entendidos?

— Entendidos — respondeu O'Bannion.

— A que horas partimos, comandante?

— Ao romper do dia. A distância é muita?

— Julgo que se fizermos marchas forçadas, em três dias atingiremos a caravana e quanto mais depressa partirmos, melhor.

— Então fica combinado. Amanhã ao romper do dia partiremos. Veremos então qual de nós dois é o cobarde.

— Se houver algum, eu não sou, comandante, pode ficar ciente disso.

Dando a conversa por terminada, o rapaz saiu do gabinete do comandante O'Bannion, batendo com a porta.

O comandante olhou o xerife e comentou:

— Você de vez em quando traz-me cada tipo, caramba! Este que acaba de sair chamou-me cobarde com

todas as letras. É a primeira vez que o fazem e não o matei porque preciso dele para guia desses malditos colonos.

— Deixe estar, que você também foi muito brusco, comandante. Não devia ter falado tão duramente.

— Eu tenho o coração perto da boca, xerife. Mas olhe que esse tipo ofendeu-me. Ainda há-de saber quem é O'Bannion, garanto-lhe.

A terminar a conversa o xerife respondeu:

— É gente nova com sangue na guelra. Tem de lhe dar um certo desconto. Vai ver que o tipo que acaba de sair é uma jóia. Você depois me dirá. Durma bem comandante e não sonhe com índios.

— Vá para o diabo — berrou o comandante.

IV

Na madrugada do dia seguinte, Frank Darrow, quando chegou à parada do quartel, já encontrou a coluna formada.

Era composta por cinquenta Federais, tendo os restantes cinquenta ficado em Santo António por precaução.

À frente dos seus homens encontrava-se o capitão O'Bannion, comandante da guarnição militar da cidade. O comando fora entregue ao tenente Smith que assumira as funções de comandante interino, até ao regresso da coluna.

Na parada encontravam-se também o xerife e alguns habitantes da cidade que a despeito da hora matutina haviam madrugado para se despedirem de parentes e amigos que partiam na coluna.

Alguns deles não voltariam e o seu generoso sangue regaria as pradarias fazendo florescer assim essa imensa árvore que se chama Civilização.

Depois de uma breve troca de impressões entre O'Bannion e Frank Darrow a ordem de partida foi dada.

Em boa ordem, aqueles garbosos soldados desfilaram perante a bandeira a que haviam prestado jura-

mento de honra e em muitos olhos femininos que assistiam ao desfile brotaram amargas lágrimas.

Eram mães, esposas e irmãs que viam partir, talvez para a morte, os seus bem-amados.

Hirto na sua sela, o capitão O'Bannion simulava não observar nada. A seu lado caminhava Frank, cujo coração muito sensível acusava o toque.

A longa coluna de cavaleiros a pouco e pouco foi-se afastando e agora não era mais que uma sucessão de pontos em movimento.

Durante o primeiro dia nada de especial sucedeu que alarmasse os elementos desta coluna.

Tinham galopado incansàvelmente e só haviam parado junto de um arroio, quando o sol já ia a pino, para comerem e darem descanso às suas montadas que aproveitaram para beber a fresca água corrente do riacho.

Depois de uma hora de descanso, o comandante deu ordem de partida e dentro em pouco os cinquenta e dois componentes da caravana galopavam novamente pela pradaria imensa.

Frank conhecia bem o caminho e a trajectória que agora seguiam não era a mesma que ele utilizara durante a perseguição. É que ele vira-se obrigado a mudar de rumo diversas vezes, para se furtar aos ataques dos seus perseguidores.

Agora, para encurtar o trajecto, tomava como referência pontos conhecidos e longínquos e dirigia-se para eles em linha o mais recta possível.

Dessa maneira, contava reduzir um terço da distância que o separava da caravana sitiada.

Quando o sol desapareceu para além da linha do horizonte a coluna fez alto e preparou-se para acampar.

Tinham escolhido um planalto pequeno, de onde poderiam repelir qualquer ataque que lhes fosse feito.

As sentinelas foram designadas e eram revezadas de duas em duas horas.

Os índios ainda não tinham dado sinal de si, mas Frank estava convencido de que a sua presença já fora denunciada e que sòmente no dia seguinte os índios começariam a molestar.

Deu conta da sua opinião ao comandante, que concordou. No entanto não se acenderam fogueiras e todos tiveram de comer refeições frias.

A noite, tal como o rapaz previra, decorreu sem novidade e o nascer do sol veio encontrar já a coluna em movimento.

Os cavalos estavam frescos e os seus cavaleiros resolveram tirar partido disso.

Pelas suas contas Frank contava entrar em contacto com a caravana no dia seguinte à noite, isto, caso não houvesse complicações com os índios que os obrigassem a perder tempo.

Foi um dos soldados da coluna quem divisou os primeiros sinais dos índios.

Ao longe, num monte, uma coluna de fumo elevava-se aos borbotões. A coluna fez alto e O'Bannion explorou os arredores com um potente binóculo que levava.

— Não vejo nenhum índio — disse. — A coluna de fumo eleva-se por sobre as copas das árvores.

— A nossa presença já foi notada, comandante. Estamos em território índio e não tarda que comecem a atacar-nos. É minha opinião que não percamos tempo e forcemos os cavalos a fim de a noite nos encontrar

naquelas montanhas que se vêem além do horizonte. Ilá lá óptimas condições de defesa.

— Não é má ideia, Barrow. Vamos a ver se os cavalos aguentarão. São bem três horas de bom andamento e já galopámos pelo menos duas horas.

Virando-se para os seus homens gritou:

— A galope!

Obedecendo à ordem, todos se lançaram a galope na direcção das montanhas indicadas por Frank.

Entretanto mais colunazinhas de fumo começaram a aparecer nos montes vizinhos. Os índios comunicavam entre si a posição dos Federais.

O comandante mostrava-se apreensivo com este estado de coisas pois verificava colunas de fumo por todos os lados. Encontravam-se já cercados.

O'Bannion deu ordem de alto.

— Não gosto nada disto, Barrow. Temos índios dos lados, atrás e à frente.

— Não se preocupe, comandante — respondeu o rapaz. — O grosso dos homens de Nuvem Vermelha está a atacar a caravana. Os que estão a fazer os sinais são numa minoria. Além disso, se atacarem, não o farão antes da noite e nessa altura já teremos atingido aqueles montes.

— Deus queira que tenha razão, Darrow.

— Oiça, comandante. Acho melhor que se faça um reconhecimento. Como é hora do calor, dê algum descanso aos cavalos. Temos aqui um rio perto. Entretanto eu vou fazer um reconhecimento. Mais vale prevenir que remediar, não acha?

— Concordo — respondeu O'Bannion. — Leve um dos meus homens pois dois sempre vêem mais do que

um. Em caso de aperto, disparem duas vezes para o ar.

Voltando-se para os seus homens pediu:

— Um voluntário para um reconhecimento.

Vários voluntários apareceram e o comandante apontando para um ordenou:

— Sargento Cush. Acompanhe o senhor Darrow. Em caso de necessidade já sabe como tem de proceder.

Enquanto o resto da coluna se dirigia para um riacho que corria a cerca de trezentos metros, os dois homens lançaram os seus cavalos a galope, na direcção que deviam seguir quando retomassem a marcha.

Que me diz a isto, sargento? - perguntou Frank.

— Digo-lhe que estamos metidos numa alhada das antigas. Pelos sinais de fumo que vi, sei que deve haver cerca de trezentos índios à nossa espreita. Não disse nada ao comandante para não alarmar o resto da coluna. Mas aqui para nós, digo-lhe que vamos ter muito que dar ao dedo. Ai vamos, pode ter a certeza.

— Eu sei, porque também li os sinais de fumo. Mas se chegarmos àquelas montanhas estamos salvos. Você verá.

— Deus o oiça, amigo. Tenho mulher e dois filhos para sustentar e além disso ainda me considero muito novo para morrer. Mas se não for desta, só de velho morrerei.

Dando uma gargalhada Frank esporeou a sua montada seguido do sargento.

De princípio nada observaram que lhes chamasse a atenção. Porém a certa altura a sua atenção foi chamada para uma série de rastos de cavalos desferrados.

— Passaram aqui — murmurou.

De um salto desmontou, enquanto o sargento esqua-

drinhava os arredores. Acocorando-se começou a observar os rastos deixados pelos índios.

Numerosos cavaleiros haviam passado por ali pouco tempo antes, pois as pegadas estavam frescas.

Seguindo com a vista a direcção do rasto, Frank Darrow avistou um monte, de onde naquele momento se elevava uma coluna de fumo aos borbotões.

— Não há dúvidas de que foram para aquele monte. Que lhe parece, sargento?

— Sou da sua opinião, Darrow. Isto está a aquecer. O melhor será voltarmos para trás e juntar-nos à coluna.

Concordando com o sargento, Frank montou o seu cavalo e juntamente com Cush regressou.

O capitão O'Bannion veio ao seu encontro. Em poucas palavras foi posto ao corrente do que se passava.

Sem perda de tempo deu ordens de partida e novamente a coluna se pôs em movimento. Iam tentar alcançar os montes que já se divisavam mais perto, a fim de ali passarem a noite.

V

A marcha prosseguiu a todo o galope. Deviam faltar duas horas para o sol se pôr e não podiam perder tempo.

Os montes para onde se dirigiam estavam já muito próximos mas separava-os da coluna uma série de vales que alongava consideràvelmente o trajecto.

Por diversas vezes avistaram índios, mas estes conservavam-se sempre fora do alcance das potentes espingardas de repetição do exército.

Dessa forma as hostilidades ainda não tinham sido iniciadas e isso ainda mais enervava os soldados que ansiavam por se bater.

As colunas de fumo cada vez eram mais numerosas e isso indicava que mais cedo ou mais tarde o ataque ia ser desencadeado.

Vergados sobre o pescoço dos respectivos cavalos, para oferecerem um alvo menor, os cinquenta e dois cavaleiros incitavam as suas montadas para ver se conseguiam alcançar os almejados montes.

Foi já nas faldas desses montes que houve a primeira troca de «amabilidades».

Ao subirem a lomba de um monte, deram de

caras com um grupo de cerca de cinquenta selvagens com os arcos retesados.

Quarenta metros separavam os dois grupos, e uma nuvem de flechas partiu.

Um dos Federais caiu do cavalo abaixo com o coração varado e, acto contínuo, os pele-vermelhas dispersaram-se e fugiram ladeira abaixo, perseguidos por uma descarga que vitimou alguns deles.

A coluna estacou e o comandante desmontou a fim de ir observar o cavaleiro caído.

Verificando que nada havia a fazer, tirou ao morto o que possuia nos bolsos, bem como todas as armas e munições.

— Adeus — murmurou. — Cumpriste o teu dever.

De um salto montou o seu cavalo e novamente a coluna se langou a galope pela encosta, a fim de percorrer os poucos quilómetros que a separava dos montes.

O sol começava a desaparecer e teriam quando muito mais uma hora de luz. Frank, que conhecia bem o caminho, tomou a dianteira a fim de guiar os restantes componentes da coluna.

Finalmente começaram a subir a encosta dos montes.

Os cavalos começaram a dar mostras de cansaço e sòmente com fortes esporadas prosseguiram na subida.

Quinhentos metros acima, havia um planalto que servia às mil maravilhas para passarem a noite. Sòmente tinha dois caminhos de acesso e bastava guardá-los para os índios não poderem lá chegar.

A escalada prosseguiu extenuante. Por fim, conseguiram chegar ao seu destino e todos ficaram admirados com a sagacidade daquele moço. Aquele planalto era

Copyright — Agência Portuguesa de Revistas — Portugal

Edições da

Agência Portuguesa de Revistas

LISBOA ● PORTO ● LUANDA ● LOURENÇO MARQUES

MAOS DE FADA
MUNDO DE AVENTURAS
PLATEIA
CRONICA FEMININA
COLECÇAO CONDOR
COLECÇAO CINEMA
COLECÇAO ROSA
COLECÇAO PIMPINELA
COLECÇAO SERVIÇO SECRETO
COLECÇAO BISONTE
COLECÇAO ANDORINHA
COLECÇAO DETECTIVE
COLECÇAO MADREPÉROLA
COLECÇAO BÚFALO
COLECÇAO F. B. I.
COLECÇAO CAMÉLIA
COLECÇAO ORQUIDEA
COLECÇAO CRISTAL
COLECÇAO CIÊNCIA E FICÇAO
COLECÇAO HEROIS DO DESERTO
COLECÇAO ARIZONA
COLECÇAO PÉROLA
COLECÇAO CRIME
COLECÇAO TEXAS
COLECÇAO AMORZINHO
COLECÇAO VÉNUS
COLECÇAO VIOLETA
COLECÇAO NEGRA
COLECÇAO DOIS HOMENS BONS
COLECÇAO ZANE GREY
COLECÇAO SELECÇÕES F. B. I.
COLECÇAO SÉRGIO DUVAL

E ALBUM PARA ILUSTRAR COM ESTAMPAS COLORIDAS

ESTA REVISTA
É TRANSPORTADA
PARA TODO O PAÍS
NOS COMBOIOS DA **CP**

pouco menos que impossível de tomar, se a defesa fosse bem organizada.

Todos desmontaram ràpidamente e cada um ocupou o seu lugar sob as indicações do comandante.

As sentinelas foram dobradas para evitar surpresas e nessa noite a refeição também foi fria para se não acenderem fogueiras.

Entretanto a noite caiu e com excepção das sentinelas todos se deitaram enrolados nas mantas e se prepararam para dormir.

Os cavalos pastavam satisfeitos a tenra erva que crescia entre numerosas nascentes. No dia seguinte já estariam recompostos para o arranque final para a caravana.

Pelas contas do rapaz, atingi-la-íam por volta do meio-dia, visto terem adiantado muito caminho na ânsia de atingirem os montes.

Ao fim de duas horas, as sentinelas foram rendidas. No primeiro quarto de sentinela, nada se passara. Os índios certamente estavam a aguardar que o sono vencesse todos os do acampamento para então, de surpresa, lhes caírem em cima.

Frank Darrow não conseguia dormir. Ele esperava o ataque a todo o momento e queria estar acordado para não ser surpreendido. As sentinelas foram rendidas três vezes sem que nada de anormal se passasse.

Preparava-se para dormir um pouco, quando um piar de coruja se fez ouvir. Passado pouco tempo e mais longe, outro piar, ao mesmo tempo que um coiote uivava.

Levantou-se de um salto e empunhou a carabina.

Os índios preparavam-se para o ataque e trocavam

sinais entre si. Conhecedor dos seus hábitos, ele distinguira imediatamente os sinais.

Sem ruído dirigiu-se às sentinelas e avisou-as de que tomassem atenção porque os índios iam atacar.

Acordou Cush e O'Bannion e avisou-os também. Resolveram não acordar os outros soldados enquanto não houvesse razão para tal, mas os três prepararam-se para o que desse e viesse e foram colocar-se junto das sentinelas.

O piar da coruja e os uivos dos coiotes continuavam.

Num murmúrio O'Bannion perguntou se não seria melhor acordarem naquela altura os soldados, ao que Frank respondeu que os deixasse descansar porque no dia seguinte iam ter muito que fazer.

Chegou a hora da rendição das sentinelas para o último quarto. As que foram rendidas já não dormiram e foram juntar-se aos três homens. A tensão nervosa aumentava, pois os índios atacariam antes do amanhecer e dentro de duas horas era dia.

Finalmente aquilo que tanto esperavam deu-se. De repente e gritando como loucos os índios lançaram-se ao ataque.

A primeira vaga sofreu numerosas baixas pois todos estavam preparados e a descarga foi terrível. Uivando os índios retrocederam e abrigaram-se onde puderam.

Os soldados que ainda dormiam foram despertados pela brutal descarga e pelos gritos de guerra dos índios e ràpidamente deitaram as mãos às espingardas indo tomar as posições que prèviamente lhes haviam sido indicadas.

Pouco depois os índios fizeram novo ataque. En-

quanto parte deles lançava grande quantidade de setas sobre o acampamento, a outra lançava-se ao ataque.

A lua, em quarto crescente, facultava aos Federais alguma luz que lhes permitia observar o movimento dos seus inimigos.

E apesar das flechas zumbirem por todos os lados, os soldados deram nova e violenta descarga que novas baixas causou nas hostes inimigas, mas os peles-vermelhas conseguiram progredir e muitos deles abrigaram-se a pouco mais de vinte metros dos Federais.

Estes continuavam a disparar com calma, procurando aproveitar todas as balas... Também tinham tido baixas Dois soldados morreram instantâneamente ao serem traspassados pelas perigosas flechas índias.

No meio da refrega, O'Bannion, demonstrando uma calma acima do vulgar, esvaziara-lhes os bolsos e tirara-lhes todas as armas e munições que possuiam.

Novamente os índios lançaram um ataque em massa. Com os seus terríveis gritos de guerra, lançaram-se ao ataque de peito descoberto mas nada conseguiram pois foram rechaçados por duas certeiras descargas dos soldados.

Os primeiros alvores da manhã começavam a notar-se. As estrelas perdiam o seu brilho e o céu começava a tomar uma tonalidade mais clara.

Os índios não voltaram a atacar, limitando-se a cercar a posição ocupada pelos Federais. Tinham tido pesadas baixas e resolveram esperar por melhor ocasião.

O sol entretanto começou a aparecer. O'Bannion deu ordem para enterrarem os mortos ràpidamente e prepararem-se para montar.

Chamou Frank e expôs-lhe o seu plano. Primeiro

que tudo localizariam as posições inimigas na encosta. Depois far-lhe-iam uma verdadeira carga de cavalaria e prosseguiriam na sua galopada para a caravana.

Frank concordou e minutos depois estava tudo a postos para o ataque.

À ordem de «ao ataque», os valentes cavaleiros lançaram-se sobre as posições índias.

Os peles-vermelhas que não esperavam este ataque, foram colhidos de surpresa, e pagaram o seu desleixo bem caro pois quando quiseram defender-se os Federais caíram sobre eles e a tiro de revólver foram-nos abatendo sem dó nem piedade.

Quando as armas estavam descarregadas, empunharam os sabres e muitos guerreiros índios foram encontrar-se, sem saber como, nas magníficas pradarias de Manitú.

Fora a maior derrota que tiveram. Os que se salvaram da chacina, muito poucos por sinal, desceram a encosta dos montes a toda a velocidade que as pernas lhes permitiam.

Depois de terem limpo completamente o caminho de índios, o comandante mandou fazer a chamada para ver as baixas e com mágoa verificou que outro dos seus valentes soldados pagara à pátria o seu tributo de sangue.

Encontram-no morto por um machado índio que lhe fendera o crânio. Os seus revólveres estavam descarregados e empunhava ainda o seu sabre, tinto de sangue. Morrera matando, aquele bravo.

Mais uma vez o comandante despojou o cadáver de tudo o que podia servir aos índios e depois de o mandar sepultar deu ordem de partida.

Sem perda de um segundo, todos se lançaram mais uma vez a galope, para galgarem a última parte do trajecto que os separava da caravana dos colonos.

Olhando para os montes em redor, verificaram que as colunas de fumo haviam diminuído sensìvelmente. Os índios haviam tido baixas espantosas e quando Nuvem Vermelha soubesse o que se passara, talvez abandonasse o cruel ataque à caravana, se por acaso a não tivesse já destruído.

VI

Estavam no terceiro dia de marcha e tinham já alcançado o coração do território índio.

Muitas milhas em redor sòmente os índios habitavam aquela região e poucos brancos se haviam até então aventurado em tais paragens e os poucos que o tentaram ou foram mortos ou se viram obrigados a regressar a Santo António, muito deles feridos.

Sòmente os colonos se permitiam tais aventuras.

Eram homens empedernidos e coadjuvados por verdadeiras mulheres, os que constituíam a maioria das caravanas.

Muitas delas tinham sido destruídas e os seus componentes chacinados depois das mais cruéis torturas. Mais do que uma devia a sua salvação aos bravos Federais que apesar de também sofrerem baixas nunca deixavam sem resposta um apelo daqueles desgraçados.

Eram essas as razões porque o comandante, capitão O'Bannion, falara tão duramente a Frank Darrow.

Já fizera diversas surtidas em território índio e levara a bom caminho algumas caravanas, em outras cidades. Mas apesar de terem causado numerosas baixas aos índios, alguns Federais também haviam perecido nas refregas e isso custava imenso a O'Bannion.

Nesta viagem, já perdera mais quatro dos seus bravos. Ao pensar nisto, as suas feições endureceram e voltando-se para Frank perguntou:

— Então, Darrow, qual é a sua opinião sobre os meus homens?

Estranhando a pergunta, o rapaz respondeu:

— Magnífica, comandante. São uns bravos. Mas porque o perguntou?

— Para ver se já mudou de opinião.

Todos tinham parado junto de um arroio, onde os cavalos matavam a sede.

Não convinha forçar demais os animais pois não sabiam o que lhes estava destinado e eles podiam falhar na altura em que mais precisos fossem.

— Não percebo, comandante. Eu nunca duvidei da bravura dos seus homens.

— Parece que sim. Se bem me lembro, quando você se apresentou com o xerife, duvidou de mim. Perguntou-me se eu tinha medo. Recorda-se?

— Perfeitamente. Confesso que perante os obstáculos que me pôs, cheguei a duvidar de si. É verdade. No entanto agora retiro o que disse.

— Tarde demais, meu amigo. Não lhe aceito as desculpas e você há-de pagar o que disse. Não é impunemente que me chamam cobarde pela primeira vez.

Vendo que o comandante pretendia provocá-lo em vez de compor as coisas, o vaqueiro explodiu:

— Pois bem, O'Bannion, seja como você quiser. Caso o deseje seremos amigos, caso contrário estarei ao seu dispor quando e onde quiser para lhe partir a cara.

O capitão empalideceu. Olhou em redor e teve a

impressão de que nenhum dos seus homens escutara a parte final da discussão.

Mais sossegado ripostou:

— Falaremos depois, Darrow. Agora temos de nos unir para sairmos vivos desta aventura. Depois conversaremos e garanto-lhe que se lembrará de mim por muitos anos de vida que venha a ter. E sobre este assunto ponto final. Sobre o resto, que diz você?

Olhando para os montes em redor e verificando numerosas colunas de fumo, os sinais dos índios, o rapaz respondeu:

— É minha opinião que não seremos atacados tão cedo. Eu julgo que eles nos estão sòmente a seguir. Possìvelmente vão deixar-nos unir à caravana que não deve estar longe e juntando-se então todos com os homens de Nuvem Vermelha, farão um ataque violento que será decisivo. Não é a primeira vez que eles fazem isso.

— Não concordo, Darrow. Eu acho que eles vão atacar a qualquer momento. Veja a quantidade de sinais de fumo. O melhor será acamparmos aqui e aguardarmos o ataque que se avizinha.

— Não, comandante. Os índios não atacarão agora, pode ter a certeza. Temos de nos unir quanto antes à caravana que neste momento deve estar em situação muito crítica.

— Eu quero lá saber dos colonos, caramba — berrou O'Bannion. — Em primeiro lugar tenho de zelar pelos meus homens.

— De acordo, comandante — respondeu Frank no mesmo tom irritado. — Eu sei perfeitamente isso. Mas espero que se não esqueça que está aqui para socorrer

aqueles desgraçados e que se o seu apoio lhes faltar, estarão condenados.

— Tivessem contornado o território índio em vez de o atravessarem — foi a resposta do capitão O'Bannion.

— Muito bem, comandante. Mas fique sabendo que o matarei se alguma coisa suceder por negligência ou cobardia da sua parte. Dou-lhe a minha palavra de honra que o faço nem que depois o acompanhe para o inferno. Eu não lhe peço mais do que o cumprimento do seu dever. Se quer acampar aqui, eu sigo sòzinho para a caravana.

Neste momento o sargento Cush que havia ouvido parte da discussão resolveu intervir:

— Dá-me licença, meu capitão? — pediu.

— Que quer? — perguntou desabridamente O'Bannion.

— Desculpe-me, meu capitão, mas ouvi parte da conversa e peço para ser ouvido.

Os dois viraram-se para o sargento e foi O'Bannion quem falou:

— Muito bem. Diga lá o que tem a dizer.

Cush não esperou por nova ordem e calmamente, como velho combatente e grande conhecedor dos costumes índios, disse:

— Eu sou da opinião de Frank Darrow. Os índios não atacarão por enquanto. Hoje já tiveram demasiadas baixas para fazerem nova tentativa. É possível que ataquem, não digo que não. Mas em minha opinião eles vão deixar que nos juntemos à caravana para depois juntamente com Nuvem Vermelha e os seus homens nos fazerem um ataque que será decisivo ou para nós ou para eles. Quanto a mim, acho que esta-

ríamos melhor protegidos entre os carros da caravana do que aqui neste descampado. Para nossa segurança, eu, se fosse o comandante, tentava a todo o custo juntar-me aos colonos. O meu comandante, no entanto, resolverá como achar melhor. Além disso, os sinais que está a observar são precisamente a convocar os chefes para uma conferência com o chefe máximo que neste caso parece ser Nuvem Vermelha. É de tentar, meu comandante.

O'Bannion não respondeu. Depois das frases do sargento a sua fisionomia endurecera por ver que estavam contra ele.

Lentamente, com o binóculo, fez uma observação aos montes vizinhos e conseguiu divisar algumas concentrações de índios.

Virando-se para os dois disse finalmente:

— «O. K.» Já que o querem, vamos tentar chegar à caravana sem dar luta a estes selvagens. No entanto desde já os aviso de que se sofrermos algum desaire, os responsabilizarei. Vou tentar chegar à caravana para que não digam que não vos atendi.

— Obrigado, comandante — respondeu Frank Darrow. — Vejo que é um homem sensato e desde já pode contar com mais um êxito para a sua carreira. Isto no caso de atingirmos a caravana sem sermos atacados.

— Sargento Cush.

— Pronto, meu comandante.

— Reúna os homens sem demora, pois quero partir imediatamente.

Cush não esperou por mais nada. Virou-se e correu

COLECÇÃO

BÚFALO

TERRITÓRIO ÍNDIO

POR

AJAMARO

AGENCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

LISBOA

para o sítio onde se encontravam os cavalos a beber e os homens deitados à sombra das árvores.

Com meia dúzia de ordens rápidas e precisas, pôs todos em movimento e dentro de momentos todos se encontravam em cima dos seus animais e prontos para a partida.

Entretanto, por todos os montes que rodeavam os Federais, mais colunas de fumo apareciam. O seu movimento fora observado e era comunicado através do rústico mas prático telégrafo.

A uma ordem do seu comandante, os quarenta e tal Federais e Frank Darrow esporcaram os respectivos cavalos e vertiginosamente lançaram-se pela pradaria.

Com um pouco de sorte, só voltariam a parar quando encontrassem a caravana dos colonos, que se devia encontrar em situação muito crítica.

VII

Entretanto, vejamos o que se passava na caravana.

Estavam no trigésimo sexto dia de viagem e havia uma semana que sustentavam rijos combates com os índios.

Muitos dos colonos já não veriam Santo António, nem teriam a alegria de ver os seus sonhos concretizados. As flechas mortíferas dos peles-vermelhas tinham-nos vitimado.

No entanto os seus companheiros não esmoreciam e cada descarga que davam fazia clareiras nas hostes inimigas.

Ali todos tinham que fazer, quer fossem homens ou mulheres. Os homens não se cansavam de dar ao gatilho e as mulheres estavam encarregadas do municiamento das armas, carregando-as logo que era queimado o último cartucho.

O não terem sido já chacinados, devia-se ao facto de a caravana ser composta de sessenta carros e cerca de trezentos colonos entre homens, mulheres e crianças.

Felizmente as crianças formavam uma minoria e assim era-lhes possível organizarem uma defesa eficaz que lhes permitisse aguardar a chegada dos socorros.

Mas os dias foram passando e as esperanças daqueles

valentes ia esmorecendo. Já poucos acreditavam que Frank Darrow tivesse chegado são e salvo a Santo António.

Entre os que ainda tinham esperanças, contava-se Susy Robinson, filha do velho pioneiro Robert Robinson e noiva do valente rapaz.

Apesar de tudo Susy acreditava que o milagre se daria e durante as horas mais difíceis, nos ataques índios, a todos incitava tentando incutir-lhes no espírito que Frank voltaria com reforços.

Alguns sorriam desiludidos, outros esperançados. mas todos se batiam com denodo para salvar a pele.

Naquele dia, o sexto desde a partida do noivo, já tinha sido repelido violentamente um ataque. Os selvagens haviam sofrido numerosas baixas, não causando felizmente, mortes entre os colonos. Apenas alguns haviam ficado feridos.

Agora, aproveitando a acalmia, todos se encontravam deitados por baixo dos carros à sombra, com os sentidos alerta e as armas ao alcance das mãos.

Susy, depois de ajudar a fazer os curativos aos feridos, juntara-se a seu pai, por baixo do carro de ambos.

Paizinho — perguntou a rapariga — julgas que Frank conseguirá chegar a Santo António?

— Ouve, minha filha — respondeu o bondoso velho — eu tenho uma cega confiança nesse rapaz e se ele não conseguir mais ninguém o conseguiria. Mas a tarefa é difícil e só Deus pode dar uma resposta à tua pergunta.

— Ele há-de regressar, paizinho — disse a rapariga com convicção. — Tenho um pressentimento de que não

tarda que aí apareça e escorrace estes malvados índios que tanto mal nos têm feito.

— Pede a Deus que assim seja. minha filha, porque se esta luta dura mais dois ou três dias, teremos de sucumbir. A água escasseia e sem ela não podemos passar. Agora, deixa-me aproveitar esta trégua. para poder descansar um bocadinho.

Inclinando-se sobre o pai, a rapariga depositou-lhe na testa um beijo.

Seguidamente deitou-se também e o seu pensamento regressou no espaço e no tempo para trinta e seis dias antes.

★

Os Robinson viviam em Nova Orleães, onde possuíam uma pequena casa de vendas a retalho que ia dando para comer e para, devido à organização de Susy e ao seu método, juntarem um pequeno pé-de-meia.

O sonho de ambos era possuírem um rancho, mas o seu pequeno pecúlio ainda não chegava.

Teriam de comprar o terreno e só para ele iriam todas as economias que, mesmo assim, não chegavam, devido a gente sem escrúpulos que especulava pedindo por terrenos de pouca valia dez ou vinte vezes o seu valor real.

Apesar disso, pai e filha não perdiam as esperanças e moeda a moeda o pequeno pecúlio ia aumentando dia a dia.

Os meses foram passando e quando julgaram ter o suficiente, Robert Robinson dirigiu-se a Lou Carpenter, um vendedor de terrenos, a fim de finalmente com-

prar um que já estava falado e com preço estipulado.

Porém Carpenter era velhaco e cobiçava Susy.

Quando Robinson se apresentara para fazer o negócio, o bandido atendeu-o cheio de falsos sorrisos:

— Ora viva o nosso Robinson. Então que o traz por cá?

— Bom dia Carpenter — cumprimentou o velho pioneiro. — Finalmente consegui o dinheiro suficiente para comprar o terreno de que já falámos. Trago-lhe os dez mil dólares, conforme o combinado e pode já começar a passar-me a declaração de venda.

O sorriso desapareceu da boca de Carpenter. Lentamente sentou-se e a suá voz tomou um tom de lamentação.

— Sinto ter de lhe dizer, Robinson, que lhe não posso vender o terreno por esse preço. É que...

— Mas foi assim que combinámos e você não pode voltar com a palavra atrás — interrompeu-o o velho Robinson.

— Custa-me imenso fazê-lo, Robinson, mas não tenho outra alternativa. O preço dos terrenos subiu devido à linha dos caminhos de ferro e já me ofereceram por ele o dobro e não o vendi. Isto é falar-lhe com franqueza.

— Mas...

— Lamento, meu amigo.

O especulador apertava os lábios entre o indicador e o polegar da sua mão direita e estava pensativo o que deixou o pai de Susy em suspenso.

Ao fim de alguns minutos Carpenter falou:

— Há uma maneira de chegarmos a um acordo caro Robinson.

— Diga lá. Sabe bem que tudo farei para adquirir aquele vale. É a paixão da minha Susy.

— Isso ainda vem ao encontro dos meus planos. Vamos fazer a seguinte combinação: Como sabe eu gosto de Susy e tudo farei para a conquistar, embora, sem saber porquê, ela me não...

— Alto, Carpenter — gritou o pai da rapariga cheio de indignação. — Pare de falar e feche essa porca bocarra de sapo antes que eu a desfaça a murros.

— Mas, senhor Robinson...

— Cale-se, filho de uma cadela.

Agarrando o bandido pelas bandas da labita levantou-o da cadeira, demonstrando uma força invulgar para a sua idade.

Carpenter, vendo o caso mal parado, estava pálido como um cadáver e tremia como varas verdes.

Com a cara muito junta da do bandido, o velho disse com voz rouca:

— Fica sabendo, cão imundo, que Robert Robinson é um homem honesto e não negoceia a sua filha. Preferia pedir esmola a vê-la casada com um cobarde como tu.

— Senhor Robinson, tenha calma — pediu Carpenter.

— Calma, estando um réptil asqueroso como tu, tão perto? Eu devia matar-te, cão, mas nem o custo de uma bala mereces. Livra-te de eu te ver tentando falar com a minha filha. Hoje só te faço isto.

Robinson escarrou-lhe na cara e atirou-o sobre a cadeira que se estilhaçou em mil bocados.

Virando-se para sair do gabinete parou boquiaberto.

À entrada da porta estava Susy que assistira à discussão sem os dois homens terem dado pela sua presença.

Dirigindo-se à filha, Robinson disse:

— Vamos, minha filha. Abandonemos este covil infecto.

— Sim, pai, vamos embora, mas antes deixe-me dizer duas palavras a esse porco cobarde. — E voltando-se para o aturdido Carpenter continuou: — Se até agora sentia por ti sòmente simpatia, a partir de hoje nem ódio sinto, tanto valor tens para mim. — Voltando-se para seu pai prosseguiu: — Vamos, paizinho?

Ambos abandonaram o escritório do bandido.

Este levantou-se do chão e com os olhos fixos na porta sacudiu maquinalmente o pó do fato. Sentindo a cara húmida, levou a mão ao sítio e verificou repugnado que um escarro lhe vinha agarrado aos dedos.

Sacudiu-os vigorosamente e com um lenço limpou a face.

Acabava de cometer o maior erro da sua vida. Devido à sua ganância, perdera um bom amigo, uma mulherzinha adorável e dez mil dólares por um terreno que lhe custara cem.

Isso tudo aliado ao facto de ter sido humilhado até às últimas por um velho de cinquenta e dois anos. Irra, que era demais.

VIII

A esperança de ambos em adquirir um rancho, no entanto, não esmorecera, antes pelo contrário.

Queriam demonstrar àquele cobarde que haviam de conseguir os seus intentos, nem que para isso pagassem o dobro, a outro vendedor.

A bela rapariga continuava a fazer milagres para economizar o suficiente.

Certo dia, estava a loja em pleno movimento, quando ela sentiu que era observada.

Percorrendo com os olhos os clientes, descobriu, encostado à porta da entrada, um desconhecido que a fitava com insistência.

Ruborizada, desviou o olhar, ao mesmo tempo que tentava recordar-se de quem seria a estranha personagem.

Voltou a levantar os olhos e notou que o desconhecido a não desfitava. Começou a sentir um certo mal-estar, ao mesmo tempo que uma grande curiosidade despertava no seu ser.

Quem seria aquele homem de bela aparência que tão descaradamente a fitava?

Nesse momento, um dos clientes reclamava:

— Eu pedi arroz e a menina está a medir uma peça de pano?

— Desculpe-me, senhor Larrigan. Estava completamente distraída. Queira desculpar-me, sim? É a primeira vez que isto me sucede.

— Não tem importância — respondeu Larrigan. — Eu queria cinco quilos de arroz. Lá a patroa encomendou-mo e se o não levo é o cabo dos trabalhos.

Para que tal descuido se não voltasse a verificar, Susy resolveu alhear-se por completo da presença do desconhecido vestido à vaqueiro.

Este, por seu lado, não se mexeu de onde estava, nem disse nada.

Era um rapaz alto e forte, devendo a sua altura andar pelo metro e oitenta. Aparentava ter vinte e oito anos e o seu semblante era viril denotando rectidão e nobreza de carácter. Uns olhos azuis sobre um nariz bem feito e uma ampla testa demonstrando inteligência. Seu cabelo era de cor castanha a fugir para o louro.

Tudo isto a rapariga observara, em dois ou três golpes de vista e a presença do forasteiro, embora lhe complicasse com os nervos, fora-lhe simpática. Ela tinha de saber quem era aquele simpático exemplar masculino.

O movimento na loja continuava e só com grande força de vontade a rapariga conseguira que nova reclamação não fosse apresentada. Apesar disso, entornara um pacote de açúcar e partira dois pratos que inexplicàvelmente lhe haviam escorregado das mãos...

Impávido e sereno, simulando não ver a atrapalhação da rapariga, o desconhecido não abandonara o seu

posto de observação. E à hora de fechar a loja, para irem almoçar, fora o último cliente a sair.

Robert Robinson, por não ter observado o que se passara, não estranhou que alguém caminhasse atrás deles uns metros durante o trajecto para sua casa.

Porém, esse facto não passara despercebido a Susy. Era insistente, aquele homem.

Depois de entrar em casa e sem que seu pai o notasse, a rapariga espreitou atrás das cortinas, para a rua e verificou que ele se detinha e fixava o edifício para onde tinham entrado.

Passados momentos, regressou por onde viera, olhando de vez em quando para as janelas da casa.

O coração da rapariga palpitou.

Não havia dúvida de que aquele forasteiro despertara grande interesse no seu coração virgem.

Pela primeira vez, um homem despertara-lhe interesse, mas era um desconhecido e ela teria de ter muito cuidado, não fosse um desses muitos aventureiros que a diversas raparigas já tinham enganado.

Estava esperançada em que aquele não pertencesse a essa nojenta casta.

O seu olhar demonstrava lealdade, mas pelo sim, pelo não, o melhor seria precaver-se e se ele tentasse qualquer abuso, espalmar-lhe-ia a mão na cara como já por diversas vezes se vira obrigada a fazer.

Na parte da tarde, verificara-se o mesmo que da parte da manhã.

Poucos minutos depois da loja aberta, o desconhecido voltara a colocar-se no mesmo sítio e sem dizer uma palavra não desfitava a rapariga.

Esta, que conhecia o feitio de seu pai, temia que este

VOLUMES PUBLICADOS:

N.º 79 — **UM «COW-BOY» DOUTOR EM LEIS**
N.º 80 — **UM POBRE DIABO**
N.º 81 — **MATEM ESSE HOMEM**
N.º 82 — **O «COW-BOY» E A ÍNDIA**
N.º 83 — **SEM DIREITO A SEPULTURA**
N.º 84 — **CORDA PARA O ENFORCADO**
N.º 85 — **VINGANÇA TRÁGICA**
N.º 86 — **ESTREFA FURADA**
N.º 87 — **O FALSO SALTEADOR**
N.º 88 — **OS ABUTRES**
N.º 89 — **DOIS PUNHOS E UM REVÓLVER**
N.º 90 — **O DESERTOR**
N.º 91 — **O PISTOLEIRO DO COLORADO**
N.º 92 — **OURO E PÓLVORA**
N.º 93 — **A FUGA DO CONDENADO**
N.º 94 — **TODOS ERAM BANDIDOS**
N.º 95 — **ASSASSINOS DE MÃOS LIMPAS**
N.º 96 — **HERANÇA DE MORTE**
N.º 97 — **RÁPIDOS NO GATILHO**
N.º 98 — **OS ÚLTIMOS DO SUL**
N.º 99 — **CINCO HOMENS PARA MATAR**
N.º 100 — **APARECEU UM HOMEM**
N.º 101 — **O ÚLTIMO REBELDE**
N.º 102 — **COM SANGUE TAMBÉM SE PAGA**
N.º 103 — **O FILHO DO MISTÉRIO**
N.º 104 — **AVENTURA EM S. FRANCISCO**

COLECÇÃO BÚFALO — N.º 106 — Edição de Aguiar & Dias, Lda.
Todos os direitos reservados para Portugal em conformidade com a Lei, na apresentação, distribuição e conjunto da obra.
Distribuidores e depositários: Agência Portuguesa de Revistas, Rua Saraiva de Carvalho, 207. Telefs.: 668639-668684 — Lisboa. Filial no Porto: Rua Duque de Loulé, 42. Telef. 30794. — Comp. e imp. na Sociedade Astória, Lda. — Regueirão dos Anjos, 68 — Lisboa

descobrisse qualquer coisa, de modo que não o deixava aproximar-se daquele lado, obrigando-o a atender os clientes no ponto mais afastado do balcão.

Novamente, depois de fechar a loja, o desconhecido os seguira a alguma distância.

À hora do jantar a rapariga resolveu tirar «nabos da púcara» e com certo desinteresse perguntou ao pai, enquanto o servia:

— Nova Orleães está grande, paizinho. Cada vez há mais gente nova.

— É verdade, minha filha — respondeu o comerciante. — Então nesta altura... Está cá muita gente nova que segue numa caravana para Santo António. São colonos que vão transformar aquelas terras, tal como nós fizemos há muito tempo. Está com eles um rapaz que é de Santo António e que lhes servirá de guia.

Com esperança a rapariga perguntou:

— É um rapaz bem parecido, alto e louro?

— Parece que sim, minha filha. Não o conheço. Mas porque o perguntas? Conhece-lo?

— Não, paizinho. É que hoje vi na rua um desconhecido com esses sinais e perguntei por curiosidade. Não quer comer mais batatas? Olhe que estão muito boas.

— Não, filha, obrigado. Eu vou sair já, pois ando a tratar de uma coisa que por enquanto é segredo. Quero fazer-te uma surpresa.

Fazendo beicinho, mimalha, a rapariga perguntou:

— Não me contas, paizinho? Anda, não sejas mau.

— Pronto, já estraguei tudo. Mas para que diabo eu havia de falar nisto, caramba?

E mudando de tom, continuou paternalmente:

— Pois bem, se queres saber, aí vai. Ando a ver se consigo que vamos para Santo António na caravana. Lá, os terrenos, segundo estou informado, são gratuitos, pois precisam de colonos para fazer a ocupação. Também me disseram que há terrenos que são autênticas bênçãos do céu. E eu estou tentado a partir. Qual é a tua opinião, Susy?

Dando pulos de satisfação a rapariga pendurou-se ao pescoço do pai.

— Mas que filha maluca eu tenho, Santo Deus — disse o pai com carinho.

— É maluca, sim, paizinho, é maluca por ti. A minha opinião é que preparemos as nossas coisas e partamos com a caravana.

— Bem, não cantes vitória antes de tempo, pois nada está ainda assente. Hoje ficará tudo mais ou menos combinado, pois o tal guia deve ter regressado hoje a Nova Orleães. Ele foi fazer um reconhecimento sòzinho pois parece que têm de atravessar território índio. Amanhã falaremos, minha filha.

Beijando o pai em despedida, Susy retirou-se para os seus aposentos e naquela noite sonhou que ia na caravana, os índios atacavam e ela fora salva por um valente homem: o desconhecido que durante o dia a não deixara de fitar.

No dia seguinte, quando abriu a loja, a sua primeira preocupação foi procurar com os olhos o homem dos seus sonhos.

Não o viu, mas não estranhou, porque a reunião dos da caravana durara até tarde. O seu pai também

ficara a dormir e ela não sabia ainda a que resultados chegaram.

A manhã foi decorrendo e a rapariga não tinha mãos a medir por lhe faltar a ajuda de seu pai.

A meio da manhã este apareceu.

A rapariga correu logo para ele e depois de lhe dar os bons dias perguntou ansiosa:

— Paizinho, chegaste a acordo com os colonos?

— Cheguei, sim, filha. Partimos daqui a quinze dias. Depois falaremos. Agora vamos atender os clientes.

Pai e filha depressa satisfizeram todos os pedidos e dentro em pouco estavam sòzinhos.

Preparava-se a rapariga para crivar o pai de perguntas, quando o desconhecido fez a sua aparição.

A rapariga estremeceu e fixou vivamente a garbosa figura do rapaz.

Robinson, notando o movimento da filha, olhou para a porta e um sorriso aberto apareceu nos seus lábios.

— Seja bem-vindo, «mister» Darrow.

— Bom dia, «mister» Robinson — respondeu o forasteiro.

E voltando-se para a rapariga saudou-a com uma cortês vénia.

— Antes de mais nada, não quero que me chame «mister» Darrow. Para os amigos sou Frank e eu considero-o meu amigo. Em segundo lugar terei o máximo prazer em ser apresentado à mais bela flor dos jardins de Nova Orleães.

A bela Susy ficou sem pinga de sangue, receando uma reacção violenta da parte de seu pai.

Robinson, porém, não se deu por achado e apresentou os dois jovens:

— Frank Darrow, o nosso guia, a quem fui apresentado ontem, mas por quem já sinto intensa amizade. Minha filha Susy, o meu único tesouro, a quem defenderei até à morte.

Susy compreendeu que seu pai, com este invulgar género de apresentação, dera a entender ao desconhecido como actuaria em caso de qualquer tentativa de abuso.

Simulando não ter compreendido o toque do velho comerciante, o guia da caravana tirou da cabeça o chapéu de abas largas e com galanteria cumprimentou a rapariga, enquanto murmurava:

— Sinto honra em lhe ser apresentado, Susy.

A rapariga com a emoção nem respondeu e para fugir àquela situação difícil desprendeu a sua mão das do rapaz e foi atender um cliente que acabara de entrar

Os dois homens ficaram sòzinhos e embrenharam-se numa conversa amena, enquanto a rapariga atendia alguns fregueses que entravam a seguir.

A certa altura Robert Robinson, dirigindo-se à filha, disse-lhe:

— Frank almoça hoje connosco. Vê lá se nos matas de fome, Susy.

IX

O almoço decorreu no meio da mais animada conversa.

Frank Darrow falou sobre Santo António e os seus habitantes.

Segundo ele, que passara lá a maior parte da sua vida, o clima era magnífico e os terrenos maravilhosos não só para cultura, como também para criação de gado.

Adquirir qualquer terreno era facílimo, pois, para chamar os colonos, o Governo dava-lhes grandes facilidades.

Enfim, Robinson e sua filha bendiziam a hora em que haviam decidido partir para aquelas paragens.

A certa altura, Robinson perguntou:

— Teremos de atravessar território índio, não é verdade Frank?

— É sim — respondeu o guia. — Mas como seremos sessenta carros e cerca de trezentas pessoas, espero que, se for necessário, qualquer ataque seja repelido. Tenho a certeza de que chegaremos a Santo António.

— Mas — objectou Robert — porque não contornaremos esse território?

— Pelo seguinte — respondeu Darrow. — O seu

trajecto seria aumentado em cerca de um terço, o que significa muitíssimo.

— Não tenhas medo, paizinho — pediu a rapariga. — Tenho o pressentimento de que havemos de chegar a Santo António, apesar de tudo. Se Frank o diz...

— Obrigado, Susy, pela confiança que deposita em mim.

E a conversa continuou, sobre os mil pormenores da caravana que estava a ser organizada, e Frank demonstrou aos seus amigos que naquele assunto era bastante experiente.

Robinson a certa altura levantou-se e pediu licença para se retirar para dormir a sesta, como era seu velho hábito.

Darrow levantou-se e aproveitou para se despedir também. Robinson pediu-lhe para ficar mais um pouco, fazendo companhia a Susy.

Os dois jovens ficaram sòzinhos na sala. Ao fim de alguns minutos de opressivo silêncio, o guia falou:

— Susy, quero pedir-lhe que me desculpe da insistência com que ontem a fitei.

Simulando desconhecimento a rapariga retorquiu:

— De que está a falar? Nem sei de nada...

— Sabe, sim, Susy. Até se atrapalhou, vendendo pano a quem lhe pedia arroz e entornou um pacote de açúcar, além de partir dois pratos. Lembra-se?

Bastante ruborizada a rapariga tartamudeou:

— Frank, eu...

— Por favor, Susy, deixe-me acabar de falar. Realmente fui um pouco indelicado para consigo, fitando-a daquela maneira. Eu confesso-lhe: ia ali para comprar géneros, mas quando a vi, foi como se tivesse ficado

encadeado por intensa luz. Esta é a verdade e não me vale de nada tentar escondê-lo. Agora que a conheço e para que não fique mal impressionada comigo, peço-lhe que me desculpe. Diga-me, sim ou não?

Com a voz tremendo, a rapariga conseguiu dizer:

— Já que usou para mim de franqueza, vou também ser sincera para consigo. Confesso que notei a insistência com que olhava para mim. Como, porém, não foi incorrecto em nada, nada disse a meu pai. Quanto a saber se lhe perdoo ou não, digo-lhe que nada tenho a perdoar-lhe porque nada de mal fez.

O rapaz sorriu satisfeito. Aquela pequena agrara-lhe de princípio e ele reconhecia que fora um pouco longe demais, ao proceder como procedera.

Por outro lado, satisfazia-o o facto de ela não o ter repelido. Ele ia tentar tudo por tudo para conquistá-la.

Pela sua parte, à rapariga também não desagradara o jogo do rapaz.

A sua extrema franqueza e a delicadeza que demonstrara possuir até aí mais o elevavam a seus olhos.

Porém, ela resolvera não o deixar ultrapassar as marcas e obrigá-lo a manter-se no seu devido lugar, caso fosse necessário.

Conversaram durante muito tempo.

Darrow contara a sua vida desde pequeno. Seus pais morreram, deixando-o completamente só no mundo, com doze anos de idade. Para ganhar o seu sustento tivera de se sujeitar a tudo.

Inicialmente, começara a trabalhar como ajudante de ferreiro, passando depois a moço de estábulos. Apesar dos magros vencimentos, conseguira juntar o su-

ficiente para comprar um par de revólveres e respectivas munições.

Resolvera-se a isso porque chegara à conclusão de que no Oeste quem se não soubesse defender era homem liquidado.

Vira muita gente boa ser abatida por outra sem escrúpulos, porque eram menos rápidos com os revólveres.

Treinou-se com afinco e o que amealhava era para comprar balas para os treinos. Aos catorze anos, era já conhecido como um verdadeiro ás em precisão de tiro e rapidez.

Aos quinze, tivera o seu primeiro duelo com um perigoso pistoleiro, que maltratava um aleijado na altura em que ele ia a passar. A princípio o pistoleiro, encarando com o garoto que o desafiava em público, riu-se. Nunca chegou a compreender o seu erro, porque uma bala lhe penetrara na testa, matando-o instantâneamente.

Esse duelo marcara uma nova era na sua vida. Frank, sòmente nesse dia tivera a prova de que não estava desamparado. As suas armas eram a sua garantia de segurança.

Daí para diante a vida sorrira-lhe. Um abastado rancheiro de Santo António, solteiro e sem família, convidara-o para trabalhar no rancho, como vaqueiro, ao que o rapaz aceitou sem hesitações.

Os anos foram passando e Frank foi nomeado capataz. Tinha então vinte e um anos. Apesar de novo todos o respeitavam pois as suas decisões primaram sempre pela rectidão e pela justiça.

Satisfeito com a sua actuação o velho rancheiro cha-

mara-o um dia e propusera-lhe sociedade. O rapaz esquivou-se, mas o patrão fora intransigente e obrigara-o a aceitar.

Depois da escritura feita, o velhote entregara-lhe a direcção do rancho e retirara-se para S. Francisco da Califórnia, onde pretendia gozar calmamente os últimos anos de vida.

O rancho prosperara e possuía agora grandes manadas de bois que constituíam a sua principal fonte de receita.

Por motivos diversos, bastas vezes se vira obrigado a atravessar o território índio, razão pela qual o conhecia como aos seus dedos. Sempre que se ausentava de Santo António, no regresso indagava se havia caravanas e, em caso afirmativo, oferecia-se para as guiar, pois sabia de antemão os perigos que iam correr, não tendo quaisquer possibilidades de êxito se não arranjassem um guia experiente como ele.

Sem o interromper, a rapariga escutava a narrativa.

Frank marcara mais um ponto a seu favor, porque só um homem bom e leal se arriscava daquela maneira, guiando os colonos pelo território índio. Outro qualquer nem sequer ligaria qualquer importância a tal facto. Que se arranjassem como pudessem.

Não havia dúvida que Frank Darrow era um autêntico homem com «H» maiúsculo.

Nesse momento Robinson fez a sua aparição na sala. Sem os dois jovens saberem escutara a conversa toda privando-se assim da costumada sesta.

Como velho experiente que era e não sabendo quem era o guia, não descurara a sua vigilância. Não lhe desagradava de todo ter aquele moço como genro. Mas,

para que preocupar-se com tais assuntos? Susy, a sua Susy, resolveria por si. Com voz prazenteira disse:

— Minha filha, são horás de abrirmos a loja. O Frank desculpe, mas trabalhar é a triste sina dos pobres. Temos de aproveitar estes quinze dias. O que vier é lucro. Em Santo António vamos precisar de muito dinheiro para nos lançarmos.

— Senhor Robinson, não quero de modo algum servir de empecilho. Mas já agora, quero pedir-lhe um favor. Autoriza-me que continue a conversar com sua filha na loja, nos intervalos do movimento?

— Absolutamente, Frank. Desde que ela esteja de acordo eu também estou.

A rapariga olhou para o pai e não respondeu por palavras. Os seus olhos foram muito mais eloquentes...

Robinson ficou espantado. Sim, senhor. A sua Susy estava estùpidamente apaixonada por aquele homem a quem só vira duas ou três vezes.

O coração por vezes reserva cada surpresa! Afinal, quem tinha de estar com atenção era ele pois a sua filha estava parva de todo. Esta juventude...

Naquela tarde o movimento fora superior ao normal e os dois jovens pouco tempo tiveram disponível para conversar.

Robinson por seu lado, embora se não aproximasse, não deixava de os ter debaixo de mira. E ficou apreensivo, embora o não demonstrasse, quando sua filha lhe pediu para convidar Frank para o jantar.

No entanto, não sabendo dizer que não a qualquer pedido de sua filha, convidou o rapaz que, depois de ter oposto débil resistência, com um vulgar pretexto, acabou por aceitar.

I

Frank Darrow olhou para trás. A cerca de quinhentos metros, doze selvagens peles-vermelhas moviam-lhe a maior perseguição da sua vida.

Haviam passado uma noite e um dia desde que fora iniciada. Eram muitos os guerreiros empenhados nela, mas a pouco e pouco o rapaz fora-os eliminando.

No entanto aqueles doze diabos vermelhos não o largavam de modo algum. Sabiam que se chegasse a Santo António conseguiria reforços suficientes para aniquilar todos os guerreiros do chefe Nuvem Vermelha que naquele momento atacavam a caravana em que vinha integrado.

Frank Darrow parou o seu cansado cavalo e com um rápido golpe de vista observou a posição em que se achava.

À sua direita, a cerca de dois quilómetros, estavam os Morros Gémeos. Eram dois blocos maciços de granito, quase iguais, conforme indicava o seu nome.

-Se ali conseguir chegar, estes malditos índios ainda vão saber quem eu sou — disse ele a meia voz. De um bolso da camisa tirou um torrão de açúcar que meteu na boca do seu cavalo. Este relinchou de prazer. Acariciando-lhe o húmido pescoço o rapaz falou-lhe

Durante os quinze dias que antecederam a partida da caravana, os encontros entre os dois jovens foram-se amiudando.

Hoje almoçavam em casa de Robinson, amanhã jantavam a convite de Frank, em qualquer restaurante da cidade.

Num domingo combinaram um piquenique. Robert Robinson aceitara, mas decidira que naquele dia ou Frank se resolvia a pedir-lhe a mão de Susy ou ia haver barulho.

A certa altura, pretextando qualquer coisa, o velho comerciante deixara-os sós, embrenhando-se num bosque.

Aproveitando-se disso, Frank Darrow resolveu tentar a sua sorte:

— Susy, quero dizer-lhe uma coisa, mas confesso que, pela primeira vez na minha vida, não sei como começar.

— Pelo princípio — chalaceou a rapariga. E o seu coração bateu mais forte.

— Susy, quer ser minha mulher?

Ante a brusquidão da pergunta a rapariga ficou sem resposta.

Frank insistiu pegando-lhe nas mãos e acariciando-as:

— Desculpa-me se fui brusco na pergunta, querida. Eu amo-te tanto, que nem tenho palavras. Diz-me se me queres, meu amor.

— Sim, Frank, amo-te como nunca amei ninguém na vida. És o meu primeiro amor. Amo-te desde que te vi na loja a primeira vez.

Num súbito impulso, Frank Darrow enlaçou a ra-

pariga pela cintura e os seus lábios esmagaram-se contra os dela.

Estiveram assim um longo minuto, até que a voz ameaçadora de Robert Robinson os acordou do seu sonho:

— Quieto, Darrow. Tenho um revólver apontado e mato-o se tenta qualquer truque. E tu, sai já daí — disse indicando Susy.

— Mas, senhor Robinson...

— Caladinho que já vamos conversar. Bem me queria parecer que a casca de ovo que o cobria havia de se partir.

Nesse momento Susy interveio:

— Um momento, paizinho. Eu vou explicar tudo. Eu e Frank estamos noivos e íamos precisamente falar-te.

— É verdade, senhor Robinson. Eu acabava de me declarar a sua filha. Realmente beijámo-nos. Mas dou-lhe a minha palavra de honra que logo que o senhor regressasse o poria a par da situação.

O semblante de Robinson mudara de cenho carregado para um amplo sorriso.

Foi com espanto a princípio e alegria depois, que os dois jovens ouviram o velho a dizer:

— Pronto. Então querem fazer a asneira de se casar, não é verdade? Pois bem, seja feita a vossa vontade. Eu nem por sombras duvidei das suas intenções, Frank. Eu quis foi brincar convosco e se os abandonei por momentos, foi precisamente para vos dar uma chance de estarem sós para resolverem esse assunto que a minha presença estorvava.

Agradecida, sua filha pendurou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-lhe o rosto de beijos.

— Esqueci-me de lhe dizer uma coisa, Frank — disse Robinson sorrindo. — Você vai casar com uma criatura a quem dão ataques destes de vez em quando. Olhe só para isto. Esta criatura é doida, valha-me Deus!

A rapariga continuava aos beijos ao pai e Frank Darrow sorria.

Finalmente, o dia da partida chegara.

Todos os pormenores foram estudados e Frank Darrow estivera incansável. A ele se devia toda a organização e a todos aconselhara sobre o modo de proceder em todas as eventualidades.

A população de Nova Orleães proporcionara uma grande despedida aos pioneiros do Oeste e estivera presente a banda militar da cidade que tocara o hino.

Por muitas daquelas caras, empedernidas pelas agruras da vida, brilharam lágrimas. As partidas são sempre tristes.

Depois, a um sinal de Frank Darrow, a caravana pusera-se em movimento. Uma hora depois do primeiro ter partido, os dois últimos carros deixaram a cidade.

X

A primeira semana de viagem decorrera sem novidade.

A caravana seguia em boa ordem. Os carros iam em coluna de dois. Durante aqueles sete dias, Frank obrigara os colonos a exercícios de treino.

Como a caravana era composta de sessenta veículos, no caso de um ataque de surpresa difícil se tornaria colocá-los ràpidamente em círculo. Isso requeria muita prática que os colonos não possuíam.

Assim, indo os carros em coluna de dois, reduzia a metade a extensão da caravana.

No caso de um ataque, os dois carros que iam na vanguarda parariam e ficariam de frente um para o outro. Os restantes iam parando sucessivamente uns atrás dos outros até fazerem um círculo.

A princípio, grande confusão se gerara, mas com a prática, Frank conseguira que a manobra fosse feita em poucos minutos, ficando todos a postos para repelir qualquer ataque de surpresa.

Surpreendidos e satisfeitos com os resultados obtidos, os colonos respeitavam aquele rapaz que, apesar de tão novo, demonstrava tanta prática superando mesmo os que se julgavam mais espertos.

No décimo dia de viagem, Frank, à noite, mandou fazer alto e depois de o acampamento estar montado e de as mulheres estarem a fazer a comida para todos, chamou os colonos mais velhos, que chefiavam secções designadas por ele, e disse-lhes sem rodeios:

— Meus senhores, amanhã entramos em território índio. É preciso tomarmos toda a espécie de precauções pois certamente que vamos ter sarilhos. Não os quero desenganar e quero que saibam que a partir de amanhã todos temos de ser valentes. Quem não quiser arrostar com os imensos perigos que nos espreitam, tem de desistir hoje da viagem. Amanhã será tarde, porque quem abandonar a caravana será liquidado pelos índios.

Nenhum daqueles homens demonstrou querer desistir.

Para eles todos, o Oeste era a sua última chance e não a queriam desperdiçar. Além disso, sabiam que levavam um bom e valente guia e entregavam deliberadamente o seu destino nas suas mãos.

Eram assim, os homens que levaram a civilização àquelas paragens.

Satisfeito com o que observara, o rapaz prosseguiu:

— Muito bem. Vejo que são todos uns valentes. Como lhes disse, agora teremos de dobrar a nossa vigilância. Amanhã estaremos em território índio. Os que estão aqui presentes são os chefes de secções que eu nomeei. Os senhores são as pedras básicas na organização de defesa, em caso de ataque. Lembrem-se que em caso de uma falha nas suas atribuições, pode ocasionar a destruição da caravana. Já todos sabem como fechar o círculo. Agora precisamos de fazer a distribuição dos

homens. Nos carros vão sòmente os senhores que são os chefes, as mulheres e as crianças. Os rapazes novos que podem lutar, irão a cavalo, fora da caravana, distanciados desta, quinhentos a mil metros. A missão deles é dar o alarme e regressarem ràpidamente à caravana que já deve nessa altura estar preparada para a defesa. Tenho a dizer-lhes que desta forma já evitei muitas chacinas e esta não é a primeira caravana que levo até Santo António. Quando ouvirem o sinal, que será dois tiros seguidos de outros dois, todos os cavaleiros deverão regressar à caravana. Nessa altura já os senhores terão de ter os carros parados em círculo.

Olhando a vasta assistência perguntou:

— Alguma objecção?

Ninguém disse nada. Todos concordavam em absoluto com as medidas tomadas.

— Muito bem. Então vão todos para os vossos carros e procurem descansar. Hoje, ainda não há perigo. Sòmente amanhã entraremos em território índio.

A pouco e pouco e fazendo comentários, todos foram dispersando. Sòmente ficaram Robinson e Frank. Aquele batendo-lhe amigàvelmente nas costas comentou:

— Estou satisfeito consigo, Darrow. Vejo que tem uma noção exacta de tudo.

— Prática, senhor Robinson. Com esta é a quarta caravana que levo. E só eu sei o martírio que passei com a primeira, por causa de não ter previsto estes pequeninos nadas. Quero pedir-lhe um favor, senhor Robinson. Não me trate por Darrow, nem por você. Prefiro que me trate por tu. Já podia ser meu pai. — E voltando-se para o carro onde estava Susy: — E há-de sê-lo se Deus quiser.

— O. K.,Frank — respondeu o velho. — Como queiras. E agora vamos comer que estou com fome de lobo.

Sorrindo, os dois homens encaminharam-se na direcção do carro dos Robinson onde eram aguardados por Susy.

— Estava a ver que não vinham — disse a rapariga. — Não sei se gostam do jantar. Hoje para variar temos feijões com toucinho...

Ambos sorriram, pois a «variação» de feijões com toucinho já durava há catorze dias. Era a melhor alimentação para quem, como eles, ia integrado numa caravana.

Demonstrando bom apetite os dois homens fizeram honras à refeição, no que foram acompanhados pela rapariga.

Depois esta foi lavar os pratos e talheres e arrumar tudo, enquanto os dois homens se entretinham na conversa.

Findo o serviço a rapariga juntou-se-lhes e os três assim estiveram, ouvindo os mil e um ruídos da noite.

No silêncio da noite ouviu-se uma criança chorar e depois a cantilena da mãe a adormecê-la.

Essa criança, quando fosse crescida, não avaliaria o sacrifício de seus pais que, para lhe garantirem o futuro, arriscavam as suas vidas na colonização do Oeste Selvagem.

A criança calou-se, ouvindo-se sòmente a voz feminina cantando uma canção de embalar.

Como que respondendo ao desafio, ouviu-se o som de uma viola a acompanhar a voz bem timbrada e nostálgica de um vaqueiro apaixonado.

Robinson estava pensativo, e acusando o ambiente,

Frank e Susy estavam muito juntos um ao outro e o rapaz acariciava suavemente os ombros da noiva.

O silêncio era profundo, apenas cortado pela voz e viola do vaqueiro, cada vez com maior nostalgia e por um ou outro grilo.

Depois o vaqueiro calou-se e o silêncio foi absoluto. O próprio grilo deixara de cantar.

Uma estranha opressão reinava na caravana. Naquele dia, a opressão fizera-se sentir mais do que nos anteriores, talvez por ser véspera de entrarem em território índio.

Quem conseguiria chegar a Santo António? Era mistério que sòmente Deus desvendaria.

Com receio de quebrar aquele encantamento e vendo que seu pai já subia para o carro, Susy despediu-se do rapaz sem palavras.

Ambos trocaram um longo beijo e nada disseram. A rapariga subiu para o carro, desaparecendo no seu interior.

O rapaz levantou-se e dirigindo-se ao seu cavalo tirou-lhe a sela e a manta. Depôs a sela no chão, por baixo do carro e enrolou-se na manta.

Por mais que quisesse não conseguia pegar no sono. Era sempre assim.

Com as outras caravanas sucedera-lhe o mesmo. A noite que antecedia a entrada em território índio era para ele um martírio.

Ele sentia a responsabilidade que lhe pesava nos ombros. A vida daqueles valentes dependia de si e da sua argúcia.

E agora que na caravana ia a mulher dos seus sonhos, mais sentia a responsabilidade. Deu voltas e mais

voltas para ver se adormecia, e sòmente lá para o meio da noite o conseguiu.

Acordou cedo. Por toda a parte se notava movimento. Os chefes de secções davam as suas ordens, conforme instruções recebidas do rapaz.

Um estremecer no carro dos Robinson deu--lhe a conhecer que ambos já tinham acordado e se preparavam para a jornada daquele dia. Um delicioso cheiro de café pairava no ar.

Juntando um molho de capim seco, Frank preparou o lume para o café.

—

Susy foi a primeira a aparecer. Ainda trazia os olhos de sono. Sorriu para o rapaz e enchendo um balde com água foi lavar-se.

Depois apareceu o pai. Robinson, depois de se ter espreguiçado, desceu do carro e cumprimentou-o.

Susy já terminara as abluções matinais e estava agora a tratar do café.

Dentro em pouco um agradável cheiro a café evolava-se da cafeteira e minutos depois os três saboreavam a reconfortante infusão.

Em seguida e despedindo-se de ambos, o guia dirigiu-se para o centro da caravana.

Os chefes de secção vieram ter com ele e deram-lhe conta de como estava tudo a decorrer. Todos haviam cumprido as suas ordens.

Todos os rapazes novos, em condições de lutar, num total de cento e vinte, montavam já os seus cavalos e aguardavam a ordem da partida.

Dirigindo-se a um deles, Darrow falou:

— Mitchell, você acompanha-me na vanguarda da

caravana. Dar-lhe-ei instruções sobre como há-de proceder em qualquer eventualidade.

Virando-se para os demais, gritou:

— Todos devem cumprir as instruções recebidas dos respectivos chefes de secção. Nenhum pode falhar. Lembrem-se de que as vidas dos vossos pais, irmãos e amigos estão nas vossas mãos. Somos todos homens e eu só peço que cada um cumpra o seu dever.

Virando-se na direcção do carro dos Robinson fez sinal de partida, agitando o chapéu no ar duas vezes.

O carro que emparelhava com o do velho comerciante e em que viajava a família do jovem Mitchell pôs-se também em movimento e dentro de pouco toda a caravana se movia na longa planície.

Os cavaleiros que faziam as vezes de batedores estavam dispersos ao longo da caravana, distanciados desta cerca de quinhentos metros.

Na frente, a quase um quilómetro de distância, cavalgavam Frank e Mitchell. Com estas precauções, seria muito difícil serem surpreendidos pelos índios.

O alarme seria dado com antecedência mais que suficiente para que os carros já se encontrassem fechados em círculo, quando os índios chegassem à distância de tiro.

Mais uma vez, Frank Darrow demonstrara que sabia o que estava a fazer.

A caravana atravessava agora um pequeno rio, bastante largo mas muito pouco profundo e por ordem do rapaz todos os carros encheram os seus depósitos de água.

Voltando-se para Mitchell, comentou:

— Meu caro amigo. Olho aberto. Aquele rio cha-

com meiguice: — Vamos, «Sugar», temos de dar uma lição a estes malditos. Lembra-te que depende de ti o êxito da nossa caravana. Avante, «Sugar».

Sentindo a suave pressão dos joelhos do seu cavaleiro, o cavalo lançou-se num último esforço, ladeira abaixo, na direcção dos Morros Gémeos.

O ruído produzido pelos cascos desferrados dos cavalos índios já se fazia ouvir e passados cinco minutos, no ponto onde o cavalo e cavaleiro branco se detivera, apareceram os doze peles-vermelhas.

O que vinha à frente levantou um braço e todos se detiveram. Com o olhar procuraram o perseguido.

Ao fundo do vale, a cerca de trezentos metros do ponto em que se encontravam, divisaram finalmente uma nuvem de poeira.

Com os gritos típicos de guerra dos da sua raça, os doze índios lançaram os seus cavalos violentamente pela ladeira, na direcção do fugitivo. Tinham ordens de não o deixarem escapar e davam tudo por tudo para o alcançar.

Nuvem Vermelha prometera a cabeleira a quem o capturasse vivo ou morto, assim como a mais bonita «cara pálida» que viesse na caravana.

Era esta a razão porque, apesar de já terem perdido muitos homens, continuavam a persegui-lo tenazmente.

Entretanto, parecendo compreender a gravidade da situação, «Sugar» voava mais do que corria.

Com a paragem que fizera no alto do monte, Frank Darrow perdera cerca de duzentos metros que tentava recuperar agora.

Os Morros Gémeos encontravam-se a pouca distân-

ma-se Sioux River e marca o limite do território índio. A partir deste momento, é preciso muito cuidado. Dá uma volta pelos batedores e avisa-os. Depois vem para cá sem perda de tempo.

O rapaz obedeceu e a galope percorreu a longa fila de cavaleiros que ladeavam a caravana avisando-os um a um, depois do que regressou ao seu lugar junto do guia.

À medida que a caravana ia avançando, Frank ia integrando Mitchell nas suas funções.

Fazia sempre isto. Se morresse, por qualquer circunstância, deixava um substituto que, devido às suas instruções, ficava a conhecer o trajecto mais próximo para Santo António.

Entregou também a Mitchell um esboço da região que seria devolvido quando chegassem àquela cidade.

Sùbitamente a sua atenção foi despertada por uma nuvem de poeira que a pouco e pouco ia aumentando de volume, à medida que se aproximava do ponto em que ambos se encontravam.

— O costume — comentou a meia voz. — Mitchell, volta já para trás e manda parar a caravana. Sòmente parar e aguardar. Se eu disparar, conforme o combinado, fechem o círculo e recolham-se. Mas por enquanto não há motivos para alarmes.

Os dois separaram-se.

Enquanto Mitchell retrocedia, Frank mantinha o mesmo andamento na direcção da poeirada feita por três cavaleiros índios.

Quando achou conveniente, o rapaz parou a sua montada e retirou da sacola a sua carabina «Winschester» de repetição.

Com um movimento rápido na alavanca, meteu-lhe uma bala na câmara e calmamente aguardou a chegada dos índios.

Eram três e vinham montados em cavalos malhados, com rústicas selas índias colocadas sobre mantas.

As suas mãos empunhavam os tradicionais e mortíferos arcos e flechas.

A poucos passos de distância detiveram as suas montadas. Um deles levantou a mão em sinal de paz, no que foi correspondido por Frank.

Atrás de si, Frank ouviu um galopar e olhando nessa direcção divisou Mitchell que se lhe vinha juntar. Sorriu, satisfeito com a valentia daquele moço.

XI

Num inglês bastante arrevezado, o índio que fizera o sinal de paz falou:

— Grande chefe Nuvem Vermelha manda dizer «rostos pálidos» terem de sair de território índio, se não morrerem todos.

Evidenciando grande presença de espírito, Frank Darrow respondeu:

— «Rostos pálidos» são amigos. Não querem lutar com valentes guerreiros de Nuvem Vermelha. Nós só queremos atravessar estas terras para chegar a Santo António. Vão dizer ao vosso valente chefe que não queremos roubar-lhes as terras.

O selvagem voltou a falar:

— Grande chefe Nuvem Vermelha, não permitir que os terrenos sagrados serem atravessados por «rostos pálidos». Se «rostos pálidos» não obedecerem, serão todos mortos. Nuvem Vermelha manda avisar que se quando sol nascer outra vez «rostos pálidos» não terem voltado para trás, atacará «rostos pálidos».

O rapaz insistiu:

— Vai dizer ao teu valente chefe que nós continuaremos e que não queremos lutar com os seus valentes guerreiros vermelhos. Mas se formos atacados sabe-

remos defender-nos. Somos muitos guerreiros brancos e estamos bem armados. É melhor Nuvem Vermelha não nos atacar.

— Nuvem Vermelha já dizer tudo, «rosto pálido». Nuvem Vermelha não ter culpa se haver luta. As cabeleiras dos «rostos pálidos» irem adornar nossas cabanas.

Dizendo isto, os três cavaleiros índios viraram os cavalos e partiram à desfilada por onde tinham vindo. Mitchell perguntou:

— Que diz a isto, Frank?

— O mesmo de sempre, Mitchell. Nuvem Vermelha avisa sempre antes de atacar. Com esta é a quarta entrevista que tenho com os seus sequazes. E de nenhuma das vezes consegui chegar a acordo. Este chefe índio é muito bravo e enquanto viver, nenhum branco atravessará o seu território em paz. Se morrer, é possível que o seu substituto modifique o estado de coisas. Das três vezes em que fui atacado por Nuvem Vermelha, não o consegui abater ou por não estar em condições ou por algum guerreiro cobrir o seu corpo no momento de tiro. Vamos a ver se desta vez tenho mais sorte. Bem, volta para trás e dá sinal de partida. Não podemos perder tempo. Para concluirmos a viagem, ainda devem faltar seguramente vinte dias, isto não contando com as paragens a que os índios nos vão obrigar diversas vezes.

Mitchell esporeou o seu cavalo na direcção da caravana e passados poucos minutos esta punha-se em movimento e os gritos dos condutores incitando os cavalos, deram animação à pradaria.

Darrow observara, entretanto, a nuvem de poeira

ocasionada pelos três guerreiros índios que a galope desapareciam a pouco e pouco no horizonte.

A marcha prosseguia e cada vez a caravana se internava mais em pleno coração de território índio. No ar pairava uma ameaça que todos sentiam.

Apesar disso, aqueles valentes colonos com vontade indómita não tremiam e prosseguiam na sua arriscada viagem. Muitos deles não chegariam a ver terras de Santo António.

Mas à custa de sacrifícios de uns, outros venciam e foi assim que a colonização daquelas terras selvagens se fez.

Graças a estes homens e a estas mulheres o povoamento ia sendo feito e os grandes centros populacionais iam aparecendo a pouco e pouco.

Ao anoitecer, fizeram alto. Os carros foram colocados em círculo, para prevenção e foram designadas sentinelas. Uma em cada carro e em turnos de quatro horas.

Frank unira os chefes de secção e avisara-os:

— É preciso muito cuidado, agora que já fomos prevenidos. Os índios podem atacar de um momento para o outro. Não acredito que nos ataquem dentro dos próximos dois dias porque esta é a maior caravana que por cá passou e Nuvem Vermelha precisa de reunir grande número de guerreiros. No entanto mais vale prevenir que remediar e para evitar surpresas, todos devemos estar a postos. Devem instruir as sentinelas no sentido de darem o alarme ao menor sinal de perigo.

Nesse momento, alguém perguntou:

— Não seria melhor voltar para trás e contornar em vez de atravessar o território índio?

Voltando-se para o que falara, Frank respondeu:

— Eu acho que não, senhor...

— O'Hara, John O'Hara de Nova Orleães.

— Pois, senhor O'Hara, agora não devemos voltar para trás. Na altura em que estamos, o trajecto seria aumentado para três vezes mais. É minha opinião que continuemos.

Um murmúrio de aprovação coroou as palavras do guia.

O'Hara voltou à carga:

— Eu acho que é arriscado, dado que há muitas mulheres e crianças. Você, Darrow, não está a ver bem as coisas. Eu conheço bem os índios e sei do que são capazes. Nós vamos ser chacinados, Darrow. Nuvem Vermelha conta com guerreiros mais que suficientes para nos aniquilar.

Irritado com a atitude do outro, o rapaz respondeu:

— Oiça, O'Hara. Sòmente agora você descobriu os perigos que nos esperam? Antes de entrarmos em território índio, eu os avisei de tudo. Esta é a quarta caravana que conduzo e em todas consegui êxito. Também o conseguirei desta vez.

— Eu não duvido de que lá consiga chegar, mas pergunto: quantos morreram durante essas travessias? Chegaram lá, certamente, mas à custa da vida de muitos companheiros e você foi o responsável pois convenceu-os a atravessar este território.

A situação estava tensa e urgia tomar uma decisão que lhe pusesse fim. Nessa conformidade, Frank Darrow resolveu actuar e as suas palavras foram duras:

— O'Hara. Confesso que não sei porque veio você integrado nesta caravana, uma vez que estava tão bem

em Nova Orleães. Se acha que o meu procedimento não é bom, o que tem a fazer é abandonar quanto antes a caravana e deixar-nos. Para a colonização do Oeste não precisamos de cobardes como você. Eu nomeei chefes de secção e aceito reclamações deles. Faça o favor de se dirigir ao seu chefe que depois me apresentará a sua sugestão. E sobre este assunto nada mais tenho a dizer.

Quando fora apodado de cobarde, na frente de todos, John O'Hara mudara de cor e a sua pele apresentava um tom pálido de cera.

Dando dois passos, colocou-se em atitude provocante em frente do rapaz, dizendo ao mesmo tempo:

— Nunca ninguém me chamou cobarde, sem que o pagasse caro, Darrow. Eu não sou cobarde, como lhe vou provar. Simplesmente vejo as coisas por um prisma diferente do seu. E agora quero que repita o nome que me chamou há pouco.

Os que assistiram à discussão colocaram-se ràpidamente fora das possíveis trajectórias das balas. Não duvidavam que iam ser trocados tiros.

Darrow, depois de um segundo de hesitação, respondeu:

— O'Hara, neste momento, todos precisamos uns dos outros e não convém que nos matemos. Quantos mais formos, mais possibilidades de êxito teremos. Eu não o quero matar... agora. Quando chegarmos a Santo António, ajustaremos as nossas contas.

Pensando que o rapaz tentava fugir ao duelo, O'Hara cresceu nos seus propósitos.

A sua mão voou rápida para a cara de Frank, colhendo-o de surpresa e uma violenta bofetada soou.

Apanhado em pleno lábio, este cortara-se e o sangue brotara escorrendo até ao queixo.

O'Hara esperou que o rapaz se recompusesse do golpe. Com um sorriso nos lábios comentou de modo a ser ouvido por todos:

— Vamos a ver se é tão valente com as mãos, como com as palavras.

A reacção do rapaz não se fez esperar.

Não desfitando o seu adversário, limpou o sangue que escorria agora pelo pescoço. Depois atacou.

O'Hara aguardava-o a pé firme e ambos se embrenharam numa luta que certamente iria ditar a sorte da caravana.

Frank conseguiu a muito custo esquivar um directo aos queixos que o teria vencido pela sua violência. Depois afastou-se do adversário.

Ambos continuavam à espera de uma aberta para terminar a luta.

A certa altura Darrow simulou que atacava ao queixo com a esquerda e quando O'Hara defendia aquela parte do corpo, a sua mão direita voou na direcção do estômago. Acusando o toque, O'Hara baixou as guardas e encolhera-se deixando os queixos a descoberto.

Foi a grande oportunidade que Frank não perdeu. Novamente a sua potente direita voltou a actuar.

Atingido no queixo por um autêntico aríete, O'Hara foi projectado para trás e estatelou-se a alguns metros de distância.

Aquele soco fulminante e disparado de baixo para cima acabara com a luta.

Olhando o seu adversário que no chão se debatia

tentando reagir, Frank Darrow tirou um lenço do bolso e limpou o sangue que continuava a escorrer do corte no lábio.

Depois voltou-se e caminhou na direcção do carro dos Robinson, de onde Susy assistira a tudo. Nesse momento, a rapariga, com os olhos esgazeados, gritou:

— Cuidado, Frank!

O rapaz deixou-se cair no momento em que se ouvia um tiro e uma bala passava no sítio que ocupava momentos antes.

Mal tocou no chão e já com o revólver empunhado, rodou sobre si mesmo e quase sem apontar disparou. Isto ocorrera tudo numa fracção de segundo, tão rápido, que deixara todos estupefactos.

Vergando as pernas e com os olhos desorbitados pelo mais profundo espanto, John O'Hara, com um revólver ainda fumegante nas mãos, caía lentamente.

A sua camisa, por sobre o coração, estava tinta de sangue. Pagara com a vida a sua traição.

Susy saltara do carro e corria para o rapaz. Vira-o cair e pensava que estivesse ferido.

Abraçando-o, a chorar perguntou:

— Estás ferido, Frank? Responde-me, estás ferido?

— Não, querida. Graças a ti, estou bem vivo. Se não fosse o teu aviso... esse cobarde teria conseguido os seus intentos.

Já estavam ambos de pé e a rapariga chorava convulsivamente, debaixo de forte tensão nervosa.

Voltando-se para os colonos, o rapaz disse:

— Lamento ter matado O'Hara, mas como viram não tive outra alternativa. Ele dispunha-se a acabar comigo e tive de me antecipar. Amanhã prosseguiremos a nossa

viagem. Os que não quiserem continuar podem voltar para Nova Orleães. Porém, os que quiserem prosseguir, terão de seguir à risca as minhas instruções. Eu sou o guia e por conseguinte terão de me obedecer. Qualquer um que não o faça, ou que proceda de modo a prejudicar o bom andamento da nossa caravana, será sèriamente punido. Lembrem-se que um só de vós pode ocasionar a chacina de todos. Todos temos de cooperar e ser unidos. Só assim venceremos os índios. Portanto, volto a insistir: quem quiser seguir-me terá de obedecer às minhas ordens. Amanhã, os chefes de secção deverão informar-me do que deliberarem.

Voltando-se para a rapariga, Frank continuou:

— Vamos, Susy — e voltando as costas a todos, enlaçou a sua noiva pela cintura e retirou-se.

Nessa mesma noite, O'Hara fora enterrado e o colono mais velho leu uma oração fúnebre pela sua alma.

Frank e Mitchell encarregaram-se da rendição das sentinelas e a noite decorreu sem incidentes.

Os índios não deram sinal de vida, conforme o rapaz vaticinara e finalmente, o céu começou a clarear anunciando um novo dia.

cia e com um pouco mais de esforço conseguiria lá chegar e se o conseguisse...

Voltou a acariciar o pescoço do seu cansado cavalo ao mesmo tempo que o incitava:

Vamos, «Sugar»! Mais um pouco de esforço. Terás um bom prémio se conseguirmos lá chegar primeiro que os índios.

O fiel animal redobrou os seus esforços. Notava-se que estava a chegar ao limite das suas forças.

Com aquela cadência rebentaria antes de meia hora e se tal infelicidade sucedesse, não haveria salvação para o rapaz e muito menos para a caravana.

A sorte do cavaleiro foi os cavalos dos índios encontrarem-se também esgotados devido àquela perseguição feroz que já durava cerca de quarenta e oito horas.

Se não fosse isso, o valente cavalo baio que Frank ia montado teria já sido alcançado.

Finalmente, depois de muito esforço, conseguiram atingir os Morros Gémeos.

Frank desmontou ràpidamente e da sua bolsa de arção retirou uma carabina de repetição «Winchester» e um saco de munições.

Deu uma palmada na anca do seu cavalo enquanto gritava:

— Corre, «Sugar».

Compreendendo as intenções do seu dono, o cavalo continuou a sua desenfreada correria.

Assim, os índios continuariam a perseguição, dando tempo ao rapaz a entrincheirar-se a fim de os receber condignamente com ferro e fogo.

XII

Outra semana decorreu, sem que os peles-vermelhas atacassem a caravana que lentamente se ia aproximando de Santo António.

Pelas contas do guia da expedição, deveriam faltar apenas catorze dias para atingirem a cidade.

Estranhava que os peles-vermelhas não tivessem dado ainda sinal de vida. e mostrava-se apreensivo a esse respeito.

Apenas por duas vezes vira as conhecidas colunas de fumo e, pelo que sabia, significavam chamada de reunião de chefes.

Nuvem Vermelha devia estar a organizar um grande exército para atacar a caravana e só assim se compreendia que ainda não tivessem actuado.

Para não assustar os colonos, Frank Darrow nada dissera. Limitara-se a redobrar de atenção e aguardar.

Prevendo um ataque em forma e de longa duração, aconselhara os chefes de secção a racionarem os alimentos e a encherem os depósitos de água em todos os rios que tiveram de atravessar.

A marcha continuava, lenta mas firme e outra semana passara sem incidentes.

Frank mostrava-se cada vez mais apreensivo.

Era a primeira vez que Nuvem Vermelha procedia daquela forma, pois das outras vezes já tinha atacado.

Naquele dia, o trigésimo da viagem, numerosas colunas de fumo começaram a aparecer nos montes vizinhos.

A hora do ataque aproximava-se e Nuvem Vermelha devia finalmente ter conseguido um grande exército.

Ele não queria ver as suas intenções goradas, como das outras vezes.

Ao anoitecer, os carros foram postos em círculo, como de costume e Frank convocou uma reunião geral. Subindo para um carro, falou alto, para que todos o escutassem:

— Caros amigos, chegou a ocasião de os índios atacarem. Estamos a uma semana de Santo António e não vamos deixar que estes selvagens nos não deixem lá chegar. Não vos quero enganar. Nuvem Vermelha deve ter conseguido grande número de guerreiros e é essa, quanto a mim, a origem de ter demorado o ataque até hoje. Vai ser uma luta dura. mas nós temos vantagem. pois além de estarmos melhor armados, estamos também prevenidos. Ninguém deve perder a calma e, quando for necessário, desperdiçar o menos possível as munições. Todas as mulheres vão ter que fazer. Durante o combate, deverão carregar todas as armas com a máxima rapidez possível. As que não tiverem armas para carregar, tratarão das crianças e dos feridos. É preciso, sobretudo, que não percamos a calma e que todos se convençam de que vamos vencer. Alguns de nós certamente que morrerão ou ficarão feridos. Eu próprio posso cair. Nesse caso, Mitchell substituir-me-á

pois já lhe disse o que tem a fazer. A partir de hoje as sentinelas serão dobradas e tenhamos fé em Deus.

O dia seguinte quando despontara, viera encontrar já os colonos a pé e ultimando os preparativos para nova jornada.

Cada um comprovava o bom funcionamento das suas armas e os caixotes contendo munições haviam sido já abertos.

As mulheres receberam rápidas instruções sobre o modo de fazerem o municiamento respectivo.

Quando o sol nasceu, Frank deu o sinal de partida e foi colocar-se, juntamente com Mitchell, no lugar que lhe competia, na vanguarda.

A pouco e pouco, os carros foram desfazendo o círculo e retomaram a marcha.

Pelas colinas próximas, colunas de fumo começaram a aparecer.

Os índios comunicavam entre si e o ataque devia efectuar-se dentro de poucas horas.

Frank e Mitchell redobraram de atenção e pelas numerosas colunas de fumo verificaram que os índios os haviam cercado.

Na caravana havia inquietação.

Os condutores dos carros, com as espingardas deitadas nas pernas e carregadas, prontas a disparar, aguardavam a todo o momento o sinal de alarme para fecharem o círculo.

As mulheres, aquelas grandes pioneiras, não lhes faltavam com o seu magnífico apoio moral.

Enquanto algumas acariciavam ternamente seus filhos, outras incitavam os maridos com palavras de carinho.

Era mais uma das inúmeras e heróicas epopeias, de tantas que já eram conhecidas, naqueles tempos terríveis.

Finalmente, Nuvem Vermelha resolveu dar início às hostilidades.

No alto de uma colina, distante cerca de mil metros, apareceram numerosos cavaleiros índios.

Todos traziam na cabeça vistosos diademos de penas.

Era certamente o quartel-general do velho chefe índio e, como se obedecessem a uma ordem, por todas as colinas em redor da caravana começaram a aparecer mais peles-vermelhas a cavalo.

Com um sinal, Frank fez parar a caravana.

Depois com a máxima atenção observou o que se estava a passar com o inimigo, notando que à frente do que ele considerava o quartel-general se destacava um cavaleiro, com um diadema maior que o dos restantes.

Aquele certamente seria Nuvem Vermelha. A distância era muita para lhe distinguir as feições, mas dada a sua posição, Darrow deduzia que aquele fosse o velho chefe, que vinha dirigir o ataque.

— Não será melhor dar o sinal de alarme, Frank? — perguntou Mitchell.

— É melhor esperarmos. Eles estão muito longe e podemos fechar o círculo com vagar. Isto deve ser o ataque, mas por outro lado podem querer negociações.

Mais uma vez o rapaz acertara.

Três cavaleiros deixavam o quartel-general de Nuvem Vermelha e dirigiam-se a galope na direcção dos dois homens que os aguardavam com as espingardas prontas.

Chegados a uns escassos metros refrearam as suas montadas e estacaram.

Eram os mesmos que dias antes lhes falaram.

O que vinha à frente levantou o braço, com a palma da mão virada para a frente, em sinal de paz. Frank imitou-o.

— «Rostos pálidos» não obedecer ordem de grande chefe Nuvem Vermelha. «Rostos pálidos» ir pagar muito caro.

— Vá, diz lá depressa o que tens a dizer — pediu Frank impaciente.

— Grande chefe Nuvem Vermelha impôs condições. Todas mulheres, todas armas e balas serem entregues. Todos homens poder continuar, mas mulheres, armas e balas serem entregues grande chefe.

Mitchell, indignado com a proposta, fez menção de se atirar sobre o índio, no que foi impedido por Frank.

— Calma, Mitchell. Assim não resolves nada.

— Achas que devo ter calma, perante um porco destes? — perguntou-lhe o rapaz tuteando-o pela primeira vez. — Eu mato-o já, caramba.

A muito custo Frank conseguiu impedir que o rapaz agredisse o índio que observava a cena impávido e sereno. Voltando-se então para os três índios respondeu:

— Vão dizer a Nuvem Vermelha que se quiser buscar as nossas mulheres, armas e balas, pode vir. Mas primeiro terá de matar todos os «rostos pálidos». Vai, porco, vai dizer isto ao teu grande chefe. Diz-lhe também que se puder o mandarei pastar para as grandes pradarias de Manitu.

Os índios, sem perda de tempo, lançaram-se a galope na direcção de onde tinham vindo.

Frank, então, disparou dois tiros seguidos para o ar, seguidos de outros dois.

Era o sinal combinado, e ràpidamente, em boa ordem, os carros foram dispostos em círculo e os bois desatrelados.

Os batedores haviam regressado imediatamente após os disparos, pelo que, quando os dois homens lá chegaram, estava tudo a postos, prontos para repelir qualquer ataque.

Frank deu ordem para tirarem quanto antes os toldos dos carros, pois receava um ataque com flechas incendiárias, atenuando assim o perigo de incêndio.

De súbito começou a ouvir-se enorme gritaria.

Os índios principiavam o ataque e desciam velozmente as colinas, com os típicos gritos de guerra.

Uns deitados debaixo dos carros outros abrigados atrás de caixotes e sólidos volumes, os colonos, com as suas carabinas de repetição, aguardavam que os índios chegassem à distância de tiro.

Todos os chefes de secção tinham os olhos em Frank, esperando a sua ordem de fogo.

Este observava com muita atenção e quando julgou chegado o melhor momento baixou o chapéu.

Uma violenta descarga apanhou os índios de surpresa e infligiu-lhes numerosas baixas, abrindo-lhes grandes clareiras nas fileiras.

Apesar disso, continuaram a avançar loucamente e dispararam as suas setas, que pela distância, não atingiram os carros.

Nova e eficiente descarga dizimou aquela horda.

Quando esta descarga se deu, os índios estavam a cerca de quarenta metros e as suas flechas já atin-

giam os alvos. Três componentes da caravana caíram para não mais se levantar e um quarto foi ferido numa coxa.

Os índios, porém, resolveram retroceder e novas descargas causaram baixas entre os seus homens.

Os colonos não descuraram, porém, a sua atenção e depois da ordem de cessar fogo prepararam-se para repelir nova tentativa da parte dos índios.

Esta não se fez esperar e novamente cerca de duas centenas de cavaleiros se lançaram ao ataque.

Outra vez os colonos os deixaram aproximar até à distância de tiro em que violenta descarga fez novas vítimas.

Os índios, porém, prosseguiram na sua cavalgada e apesar de uma segunda e mais eficiente descarga dos atacados, conseguiram lançar as suas flechas, voltando a fazer vítimas entre eles.

Raivosamente, estes responderam e novos cavaleiros tombaram para não mais se levantar.

O combate prosseguiu redobrando de intensidade.

A cada novo ataque, correspondiam os colonos com violentas e eficientes descargas que dizimavam os selvagens.

Estes, porém, não desistiam do ataque e já havia entre os brancos numerosas baixas entre mortos e feridos.

As encarregadas do municiamento das armas não tinham mãos a medir e não demonstrando medo carregavam as armas que seus maridos, filhos ou irmãos disparavam sem cessar.

Outras dessas valentes mulheres tratavam dos feri-

dos e das crianças que assustadas choravam em altos gritos. Era impressionante aquele espectáculo.

Porém a situação da caravana ia piorando hora a hora.

Havia já bastantes feridos entre os colonos e alguns mortos.

Pelo cariz que a situação foi tomando, Frank chegara à conclusão que desta vez Nuvem Vermelha não desistiria dos seus propósitos.

Dessa forma, se os ataques fossem sucessivos e violentos, como os daquele dia, dentro de alguns dias as munições escassearíam e faltaria a água potável.

O melhor, seria prevenir que remediar e então um plano temerário, sem dúvida, começou a tomar vulto na sua mente.

Ele iria a Santo António pedir reforços. Já conhecia aqueles generosos habitantes o suficiente, para saber que apareceriam logo voluntários em grande quantidade, para socorrerem os desgraçados colonos.

Sim, era a melhor solução. Ele tentaria passar entre os índios logo que a noite caísse.

XIII

Logo que o sol desapareceu no horizonte, a calmia tornara-se absoluta e opressiva.

Os índios pararam os seus ataques e certamente os seus chefes estudavam novos planos para a noite, o que não era provável por haver lua cheia, ou para o dia seguinte.

Na caravana procediam à contagem das baixas.

Dozo daqueles bravos pioneiros não chegariam a Santo António. Feridos eram oito, dois dos quais gravemente, não podendo tomar parte na luta.

Os outros seis, podiam e queriam continuar a disparar.

Chamando Mitchell de parte, Frank disse ao valente rapaz:

— Mitchell. Vais tomar conta da caravana em meu lugar. Vou tentar chegar a Santo António a fim de conseguir reforços. Daqui lá, conto levar três dias e mais outros tantos para o regresso. Vocês têm de se aguentar custe o que custar, durante estes seis dias. Se ao fim deste tempo eu não regressar é porque não atingi Santo António. Nessa altura só têm uma solução caso Nuvem Vermelha não desista desta luta: lutar até à morte. Tenho esperanças de que Nuvem Vermelha

desista pois os seus homens têm sofrido pesadas baixas. Mas são muito duros estes selvagens. Já viste como eles lutam? Carregam a peito descoberto até chegar à distância de poderem lançar com êxito as suas flechas. Felizmente que não usam armas de fogo, caso contrário...

— Vais a Santo António, Frank? Mas talvez seja conveniente ires acompanhado.

— Não, Mitchell. Vou sòzinho para que a minha fuga seja desapercebida. Não te esqueças das instruções que te dei. Se os índios amanhã não atacarem, continuem o avanço como até aqui. Sempre que possam, avancem.

Depois mudando de voz, disse roucamente:

— Dou-te esta bala para um fim, Mitchell. Peço-te que a não deixes cair viva nas mãos desses selvagens. Espero que cumpras o que te peço.

— Quem? Susy?

— Sim...

Os dois homens abraçaram-se comovidos.

Depois dirigiram-se para o centro do grande círculo onde estavam os chefes de secção à espera das suas ordens.

Os restantes colonos e mulheres encontravam-se a postos e os seus olhos varriam os terrenos que rodeavam a caravana iluminados por uma bela lua cheia.

Chegando ao local os dois homens pararam e foi Frank quem falou:

— Amigos. A situação, como podem verificar, está muito má. Nuvem Vermelha reuniu o maior exército que pôde. A nossa situação, se se mantiver por muitos dias, tornar-se-á insustentável, dado que as munições,